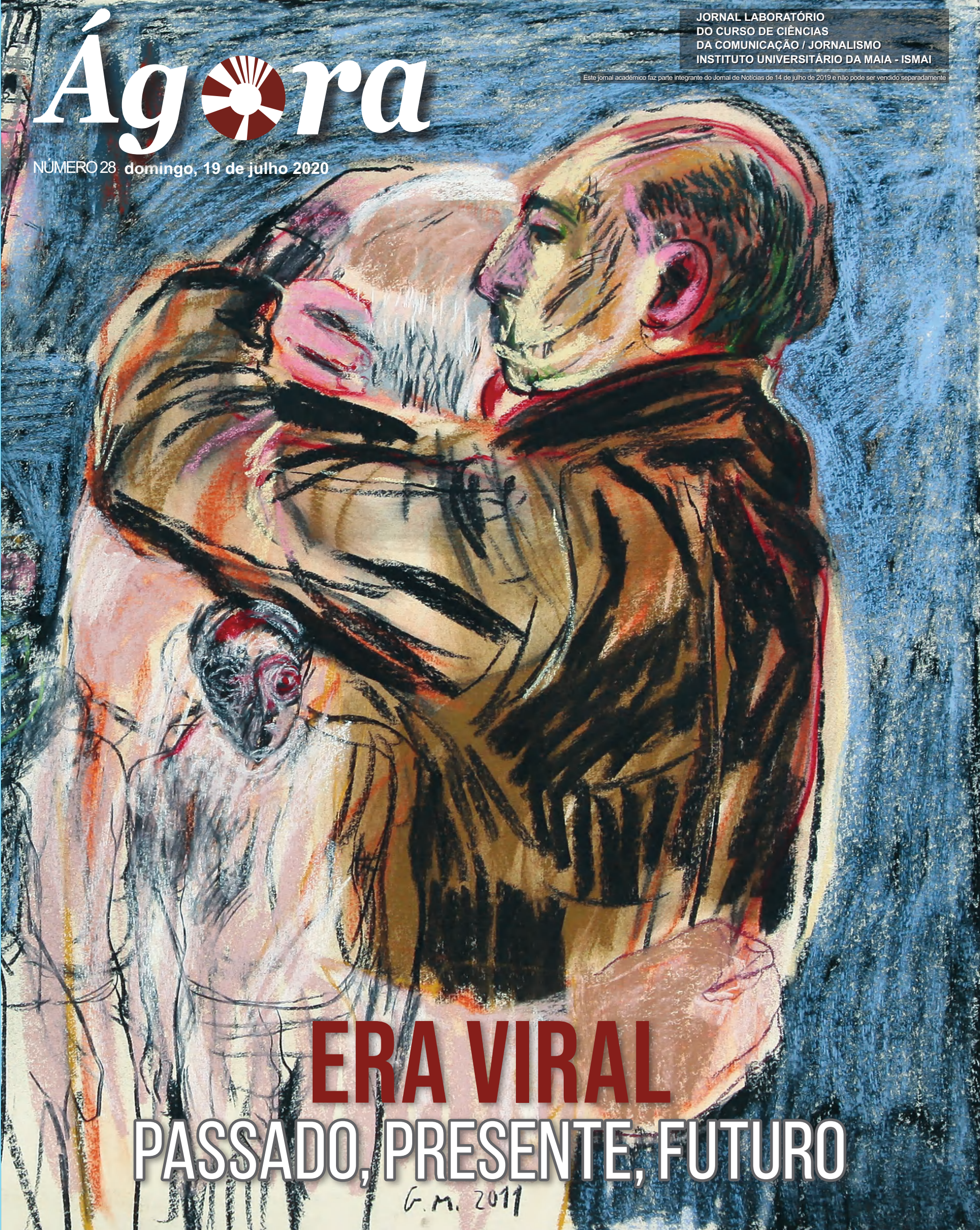


Ágora

NÚMERO 28 domingo, 19 de julho 2020

JORNAL LABORATÓRIO
DO CURSO DE CIÊNCIAS
DA COMUNICAÇÃO / JORNALISMO
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DA MAIA - ISMAI

Este jornal académico faz parte integrante do Jornal de Notícias de 14 de julho de 2019 e não pode ser vendido separadamente



ERA VIRAL PASSADO, PRESENTE, FUTURO

G. M. 2011



“A CAMINHADA DO MEDO”



Pintura de Graça Morais

Série 2011: A caminhada do medo VIII, 2011

Pastel e Carvão s/papel
102 x 152 cm

Prémio de Artes Casino da Póvoa '2011

FICHA TÉCNICA

EDITOR: Luiz Humberto Marcos (Coordenador do Curso)

COORDENAÇÃO: Alexandra Silva, Ana Catarina Cunha, Ana Teresa Sousa, Diogo Resgate, Janiina Vaz, Márcia Oliveira, Miguel Laezza, Paulo Pereira, Pedro Moutinho, Sara Filipa Oliveira, Sara Oliveira, Sara Quintela, Sílvia Rodrigues

Redação: Alexandra Silva, Arturo, Ana Cardoso, Ana Catarina Cunha, Ana Catarina Oliveira, Ana Catarina Pereira, Ana Jorge Carneiro, Ana Leonor Pereira, Ana Mafalda Pereira, Ana Rita Gonçalves, Ana Rita Mota, Bruna Rocha, Catherine Nefeli Kordoula, Diogo Resgate, Élio Duarte, Filipa Rios, Francisco Campos, Gonçalo Silva, Helena Antunes, Hugo Taveira, Inês Macedo, Inês Mota, Isabel Moreira, Janinna Vaz, João Pereira, João Santos, Laura Correia, Leonardo Duarte, Leonor de Lemos, Luís Moreira, Luís Olivbeira, Márcia Oliveira, Maria Carolina, Maria Fonseca, Maria Jorge, Maria Rebca Marques, Mariana Andrade, Mariana Raposo, Marta Brandão, Miguel Laezza, Mónica Monteiro, Nuno Ribeiro, Nuno Tavares, Paulo Pereira, Patrícia Stanton, Pedro Moutinho, Rui Jacob, Sara Filipa Oliveira, Sara Portilho, Sara Quintela, Sara Oliveira, Sílvia Moura, Sílvia Rodrigues, Tatiana Martins, Tiago Vaz, Vanessa Carvalho

MATRIZ GRÁFICA: Cláudio Carvalho

GRAFISMO: Pedro Araújo, Pedro Moutinho e Sara Quintela

ENDEREÇO:
Instituto Universitário da Maia - ISMAI
Av. Carlos Oliveira Campos
Castelo da Maia
4475-690 Avioso S. Pedro
Tel. (351) 229 866 000
ONLINE: www.ismai.pt – info@ismai.pt
IMPRESSÃO: Navprint
ISBN: 978-989-8609



<http://agora.ismai.pt> www.facebook.com/jornal.agora

ÍNDICE

Imagens inéditas da Covid-19	3
Um desafio à saúde mental	4
Sonho de menino guineense	5
Inquérito sobre Outros Vírus (UNESCO, CPLP, OEI, Demos, MPPM, Médicos sem Fronteiras e Amnistia Internacional)	6 e 7
Nos bastidores dos Media	8 e 9
João Pedro Mendonça, o repórter em Monsanto	10 e 11
Entrevista com Ministro Manuel Heitor	12, 13 e 14
Reinventar o ensino com a “Sala de aula invertida”	14 e 15
“Respiro Enfermagem”	16
Lares: da bom relógio ao palco da saudade	17
O mundo empresarial em ritmos diferentes	18 e 19
Do palco ao ecrã: A transição da Cultura para o digital	20
Cruzeiro Seixas: “Estou aprisionado no quarto”	21
Congresso Virtual de Comunicação	22
Poemas do silêncio	23

linha curva

PANDEMIA GLOBALIZA A ECRANVIDÊNCIA

Luiz Humberto Marcos

Vivemos na era viral mais global da história da humanidade. Em conteúdos virais, na internet, e no domínio pandémico. Nunca a coincidência foi tão sintomática. Tão invisível. Tão assustadora. Tão mortífera. Mesmo que pareça que ninguém escapa à sua difusão inesperada, há quem esteja mais protegido contra os vírus.

A Covid-19 está hoje no centro do mundo. É uma sigla com relevo em todas as línguas. Sem tradução. Universal, espalha-se por biliões de ecrãs. Tem cinco letras este nano monstro que está sempre a travestir-se. Irregular, ninguém lhe apanha a verdadeira identidade. É um mutante que assusta e mata. Mais, onde há miséria.

Assistimos a uma catástrofe silenciosa.

Ficam números. E números.

Tempos turbulentos, mas também ternurentos. Solidariedade e criatividade juntam-se. Mesmo diante de monstros invisíveis não se baixam os braços. Luta-se e canta-se, até para espantar os fantasmas, como fizeram os Rolling Stones. E há poemas.

Vida e mundo em suspenso. O que deveria estar em suspenso não era a arte, a música, a ciência, a educação. Era a ganância, os paraísos fiscais, a arbitrariedade, o racismo, as desigualdades, a intolerância. Tudo suspenso para entrar em vias de extinção, conjuntamente com o capitalismo desenfreado. Há quem não acredite.

As crises servem para tomar rumos novos. Uma boa notícia seria que, além da esperada vacina, o mundo passa a reger-se por uma carta magna encimada pelos Direitos do Homem e ONU. Pode demorar, mas não há outro caminho para a dignidade humana.

Este jornal conta histórias. Com covid-19 e outros vírus. Tem exclusivos. Com várias figuras distintas. Para descobrir, folheando.

A proposta é de jovens com sonhos. O jornalismo mobiliza-os.

Mesmo que faleçam muitas esperanças pós-covid, uma mudança assinala este tempo cinzento: a pandemia globalizou o campo da ‘ecranvidência’. Precisamos de mais e melhor jornalismo.



1.º CICLO – LICENCIATURAS

> Arte Multimédia

> Ciências da Comunicação

Ramos: Comunicação Organizacional; Jornalismo; Marketing e Publicidade.

> Informática

Ramos: Computação Móvel; Redes e Cibersegurança; Business Intelligence.

> Tecnologias de Comunicação Multimédia

2.º CICLO – MESTRADOS

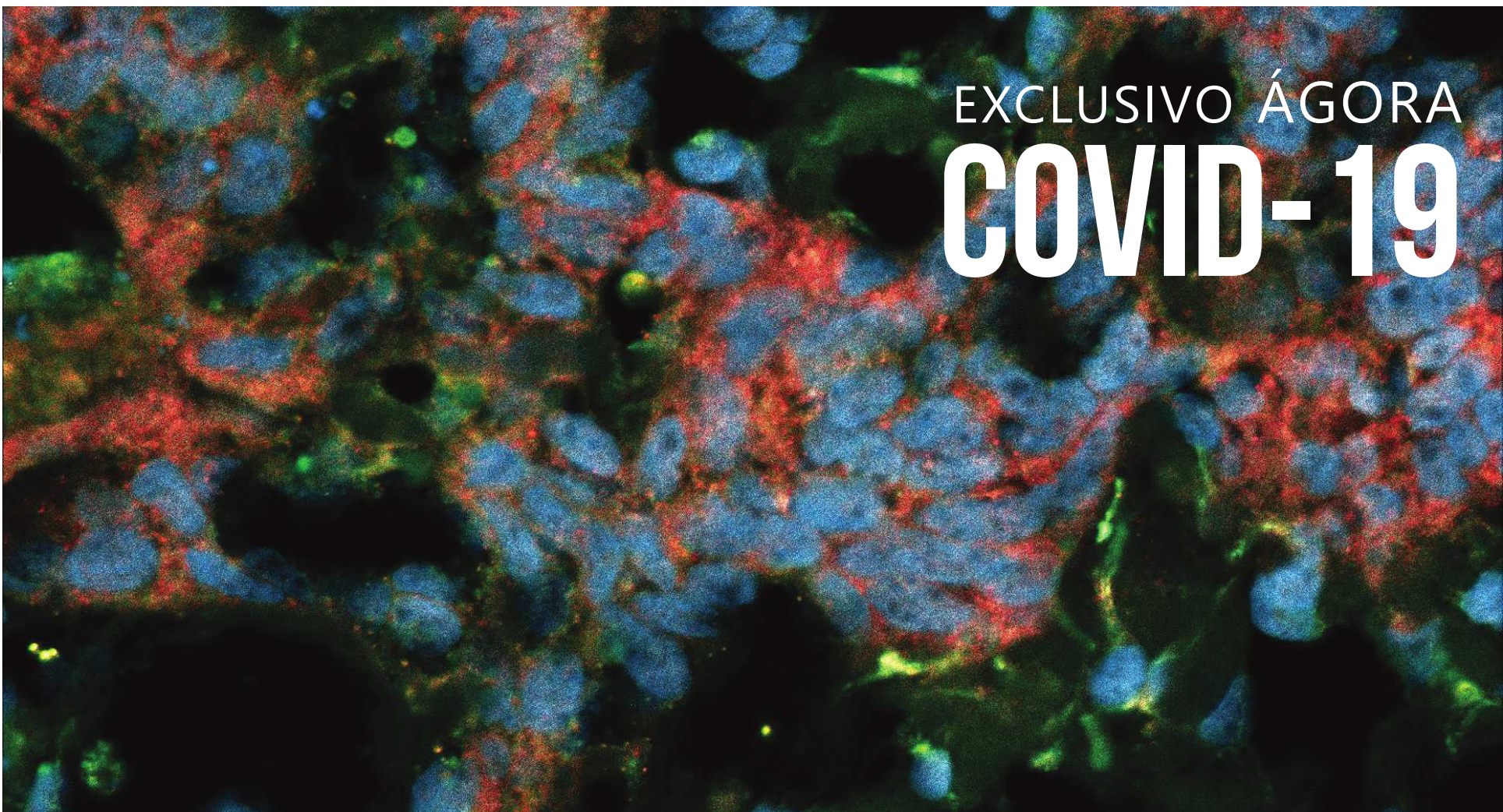
> Cinema e Cultura Digital

> Jornalismo em Ambientes Multiplataforma

> Tecnologias da Informação, Comunicação e Multimédia
Ramos: Produção Multimédia; Informática e Segurança da Informação; Telecomunicações



EXCLUSIVO ÁGORA COVID-19



Imagens exclusivas da equipa de Nuno Sousa, do Karolinska Institutet situado em Estocolmo, Suécia

IMAGENS MICROSCÓPICAS MOSTRAM A COVID 19 EM CÉLULAS HUMANAS

Ana Sousa

Estas imagens inéditas mostram células humanas expostas ao vírus da covid-19.

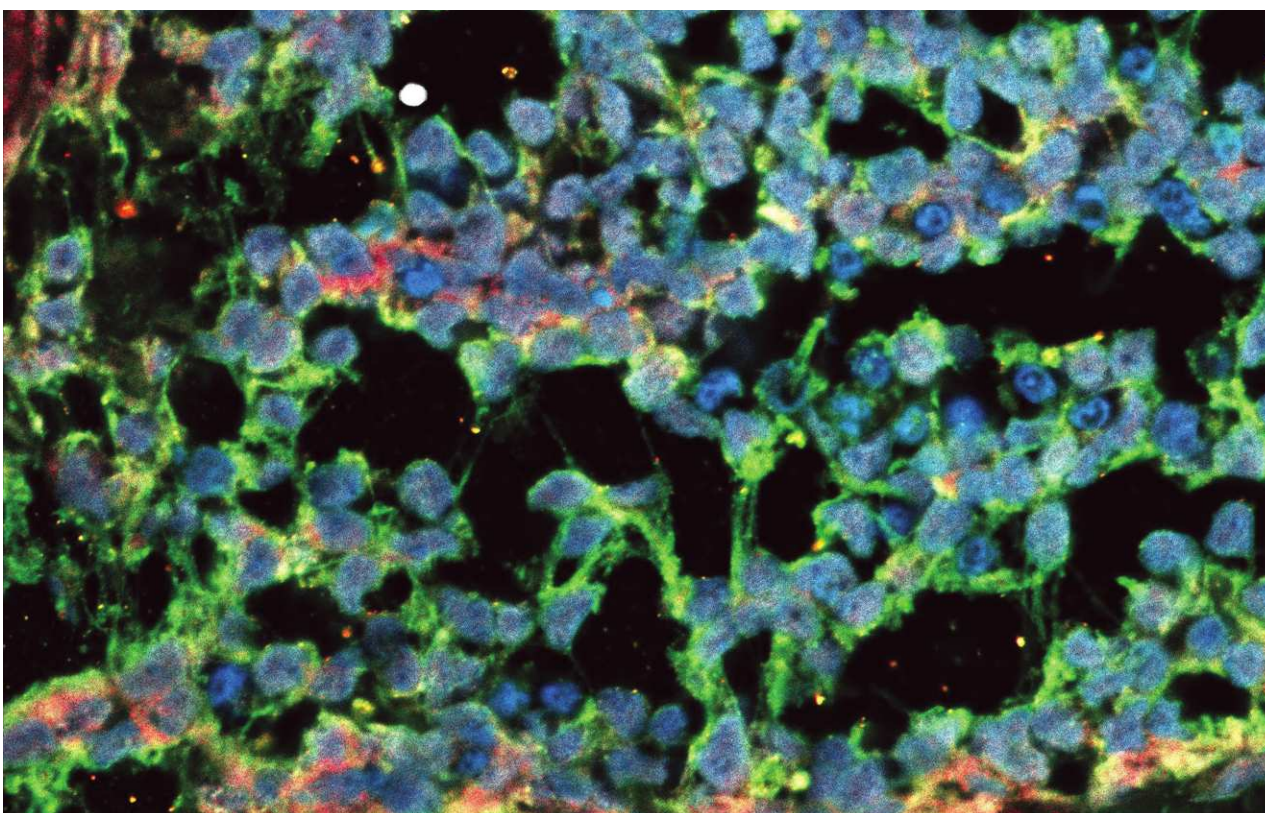
Chegam-nos do Instituto Karolinska, de Estocolmo, e fazem parte de uma investigação que está a ser desenvolvida por Nuno Sousa, no âmbito do seu doutoramento.

As diferentes colorações ajudam a compreender o que mostra cada imagem: a verde está o interior da célula; a azul, o núcleo da célula; e a vermelho, o vírus. Os pontos destacados a amarelo indicam o cruzamento

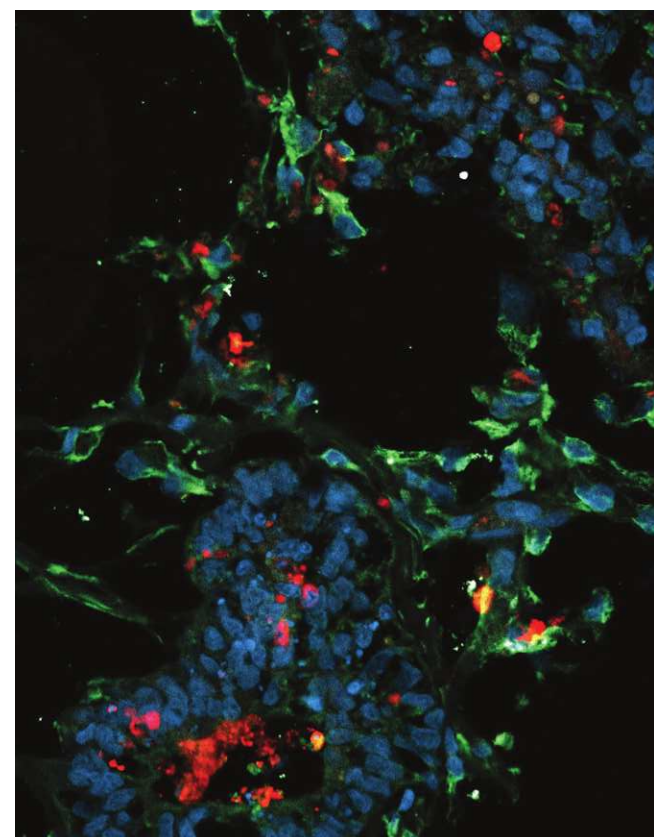
do verde com o vermelho, assinalando o vírus dentro da célula.

Natural do Porto, Nuno Sousa irá apresentar brevemente estas imagens, num artigo a publicar numa revista científica.

Vários grupos internacionais de cientistas têm procurado descobrir o modo como o Sars-Cov-2 (nome científico do vírus) infecta as células. Nesta descoberta, em que participa também o instituto sueco, está o caminho para a tão ambicionada vacina.



Verde - Interior da célula; Azul - Núcleo da Célula; Vermelho - Vírus; Amarelo - Vírus dentro da célula





UM DESAFIO À SAÚDE MENTAL

Catarina Oliveira, Luís Oliveira, Sara Portilho, Vanessa Carvalho

Escassas vezes a História mostra, em simultâneo, sinais evidentes de um sobressalto maior. Os portugueses, caracterizados pelo afeto tático, vêm o paradigma de vida drasticamente alterado. Com a nova realidade, surgem associadas sensações como a depressão, ansiedade, e em casos mais graves, o stress pós-traumático. Estas reações são normais a situações de crise, mas não significa que devam ser desvalorizadas ou até mesmo ignoradas.

Para dar resposta às dificuldades vivenciadas pelos cidadãos, o serviço de Psicologia do Hospital de São João, no Porto criou um serviço acompanhamento psicológico, diário, via telefone, a doentes infetados, familiares e profissionais de saúde.

“Após várias semanas de intenso trabalho”, o panorama é de “maior tranquilidade”. Ainda assim, os primeiros pacientes infetados demonstravam “medo pelo desconhecido e sentimentos de culpa”, afirma Eduardo Carqueja, Diretor do Serviço de Psicologia.

“As questões relacionadas pela Covid-19 e pelas alterações socioeconómicas”, aumentaram a procura de apoio psicológico. Eduardo Carqueja refere que a equipa está disponível “para intervir junto das pessoas com patologia mais ansiosa ou depressiva, normalizando muitas das situações vivenciadas”.

Com a necessidade de resposta ao grande volume de solicitações, também os profissionais de saúde sentem a sua estabilidade emocional afetada. Apesar disso, o psicólogo acredita que “a vertente de entrega e ajuda ao outro diminui as situações de maior sofrimento emocional”. Eduardo Carqueja considera que após o confinamento será necessário reforçar a resposta no apoio psicológico, caso contrário “as pessoas vão sofrer bastante.” A lição que poderemos retirar, numa era pós-Covid19, é esta: “a natureza ensina-nos aquilo que os seres humanos não querem ver ou aprender”.

O IMPACTO A LONGO PRAZO

Segundo Patrícia Páscoa, psicóloga, “estamos longe de perceber o impacto que esta pandemia vai provocar”. Ainda assim, afirma: “Vai certamente trazer mudanças no que diz

respeito ao sentimento de segurança. Nunca passou pela cabeça das pessoas que ir a um restaurante, ao supermercado ou ao futebol pudesse ser um risco”.

Com as consequências de tudo isto, haverá um aumento dos problemas de saúde mental. Os seus efeitos “serão significativos, extensos e com impacto alargado no tempo”, prevê Patrícia Páscoa.

Neste contexto, vários especialistas apontam para o aumento da venda de antidepressivos e ansiolíticos, cujo consumo, antes da pandemia, colocava Portugal em 5º lugar, no âmbito dos países da OCDE.

COMO MANTER AS EMOÇÕES SOB CONTROLO?

“Apostarmos numa rotina continuando a dividir o nosso dia em 3 partes: 8h de descanso, 8h de trabalho e 8h de lazer, mesmo que estejamos de quarentena em casa”. Isto serve para os adultos e as crianças, como afirma a psicóloga Vânia Lopes. “Limpar a casa, cozinhar, praticar exercício, ou ler um livro em conjunto, pode ser considerado trabalho quando não se pode continuar a estudar ou a trabalhar mesmo que online”. Além disso, acrescenta que o importante nesta altura é a população munir-se de ferramentas que ajudem a manter todas as emoções num certo controlo e evitar cultivar uma rotina sedentária.

Especializada em stress e bem-estar, Vânia Lopes defende que “as tecnologias são aliadas no processo de distanciamento social” mas que “não nos devemos alimentar de um casulo virtual”. Hoje em dia, acrescenta, “metade da população não consegue viver longe do ecrã e num período como este pode trazer danos irreversíveis”.

O PAPEL DOS MEDIA

Diana Costa, médica interna no Centro Hospitalar do Tâmega e Sousa, considera que “os meios de comunicação



Eduardo Carqueja: É necessário reforçar o apoio psicológico

social são preponderantes para educar os cidadãos, alertando para as medidas adequadas que reduzam a propagação do vírus”.

No seu ponto de vista, “a maioria dos meios de comunicação tem tentado transmitir informação adequada, atualizada e realista, pretendendo que esta seja veiculada por profissionais competentes na área da saúde”.

De sinal contrário é a seleção sensacionalista das notícias e a difusão de informação não credível. Isso “pode alarmar a população e contribuir para uma instabilidade social”.

Para a médica Diana Costa, o fundamental nesta fase é termos “uma população bem informada, precavida e em alerta.”

ESTUDANTE INFETADO CONTA: ISOLAMENTO FOI “O PIOR”

Apesar de não ter nenhuma doença que o fizesse pertencer ao grupo de risco, Martim Mota, de 19 anos, conta que começou a ter sintomas que o levaram a realizar o teste à Covid-19. A perda de olfato e paladar e dores musculares começaram a ser persistentes, e o jovem foi procurar respostas. “Comecei por obter uma recomendação da médica de família que me deu os códigos para a realização do teste” – explica. Num espaço de 48h após a realização do teste, Martim Mota teve a confirmação: estava infetado pelo tão temido vírus. O estudante confessa que o isolamento foi uma das piores partes deste processo: “Tive de ficar no meu quarto e só saía para ir à casa de banho e tinha de desinfetar todas as superfícies onde tocava”. A família colaborou e apenas a mãe

teve de o realizar o teste porque “trabalha numa creche e era obrigatório”. Além disso, salienta o cuidado de que foi alvo por parte dos profissionais de saúde: “Ligavam dia sim, dia não para acompanharem a evolução dos meus sintomas” – afirma. Contudo, Martim Mota, aponta algumas falhas durante o período em que esteve infetado, entre as quais destaca a não obrigatoriedade do teste a todos os elementos do agregado familiar: “A minha família esteve em contacto comigo”. Além disso: “Ligavam-me de dois sítios diferentes a fazer perguntas iguais.” Hoje, recuperado da Covid-19, partilha que a preocupação está sempre presente. “As recomendações da DGS continuam a ser cumpridas, como é dever de todos os cidadãos.”



Martim Mota: Ligavam dia sim, dia não



O SONHO SUSPENSO DO MENINO GUINEENSE

Miguel Laezza e Sara Oliveira

A bola não rola. Nem durante a semana com os treinos exigentes, nem ao domingo com as partidas sempre emocionantes e frenéticas. No entanto, todos os jogadores tiveram que se adaptar a esta nova realidade e Grinood Júlio Costa não fugiu à regra. Agora, são as paredes de sua casa que lhe fazem companhia neste período de isolamento social.

Desde que foi decretado o estado de emergência no país, as suas rotinas diárias sofreram mudanças radicais. “Não poder fazer aquilo que mais amo que é jogar futebol e estar longe da minha família foram os maiores constrangimentos que esta situação me trouxe”, assegura com um ar comovente. O seu olhar transparece a profunda tristeza de não conseguir abraçar aqueles que lhe são mais próximos. Isto porque, enquanto o jovem passa este momento na cidade da Trofa, afastado de tudo e de todos, os seus familiares vivenciam a mesma dor noutra continente, o africano. Mais concretamente, na Guiné-Bissau, ex-colónia portuguesa. Por lá, as medidas de restrição não são tão rigorosas e as pessoas ainda têm muitas indefinições acerca desta doença. Porém, a consciencialização sobre o caso é um processo em desenvolvimento por aquelas bandas, uma vez que se torna fundamental encarar esta batalha com as melhores armas possíveis.

Viajando novamente para terras de Camões, os dias não são nada fáceis. Até há bem pouco tempo, inimagináveis. O inimigo

não revela pontos fracos que possam ser atacados. Contudo, o futebolista tentou contornar o obstáculo e elaborou um plano de exercícios físicos que cumpre na íntegra. “No quarto, na varanda ou no pequeno quintal que tenho, o importante é manter a forma”.

Na terra batida, percebeu-se que os pedregulhos já mais não eram assim encarados e que serviam como sinalizadores para o seu aquecimento habitual. Já os bidões de água encarnavam em barreiras para os seus saltos, pulos esses que viam o céu azul ainda bastante longínquo.

As frequentes atualizações da situação epidemiológica em Portugal e no Mundo causam-lhe um desconforto colossal. No seu semblante, fica bem patente esse sentimento de angústia. “No início, fazia questão de acompanhar todas as notícias relacionadas com o tema. Todavia, depois tive de deixar de me informar de um modo tão preciso porque comecei a ficar com demasiado receio do que pode acontecer comigo e com os meus”. O medo a que o desportista se refere é um medo comum a todos nós, que nos invade os corações a todos os segundos. É algo incontornável e que não tem data marcada para se ir embora. De vez.

O que já vão longe são a sua época e o seu contrato com o Clube Desportivo Trofense, ambos encerrados. As disputas ferrenhas pelos tão desejados três pontos no campeonato

onde competia proporcionavam um fulgor diferenciado à sua alma. Eram como uma autêntica ‘box de sensações’. A vitória, uma conquista. O empate podia ser um copo meio cheio ou meio vazio. A derrota, uma aprendizagem. Completamente. Foi assim que o atleta cresceu no meio, com olhos postos no próximo objetivo a alcançar e sem nunca desistir do seu sonho. O novo coronavírus veio interferir neste percurso e acentuou ainda mais as suas dificuldades financeiras. “Estávamos com três meses de salário em atraso e chegamos a um acordo com a direção do clube. Acabaram por nos pagar janeiro e fevereiro, liquidaram-nos 70% de março e tivemos de abdicar do resto dos nossos vínculos. Atualmente, encontro-me desempregado”, revela entre desenfreados suspiros.

A verdade é que o aparecimento da Covid-19 e as suas respetivas consequências vieram lembrar-nos que o Ser Humano apresenta inúmeras fragilidades e que a sua ambição de querer dominar tudo acaba sempre engolida pela veracidade dos factos, nua e crua.

A Humanidade foi colocada à prova e este é o momento oportuno para questionarmos a nossa existência e os nossos hábitos. Será que, daqui em diante, não iremos alterar os nossos comportamentos? Será que não iremos pensar duas vezes antes de agir? O futuro tem a resposta, mas encontra-se sobrelotado de incertezas, dúvidas e hesitações.

Aos 26 anos e com uma intensa história de vida, ‘Grin’ (como é tratado pelos amigos) deixa-se conduzir por um sorriso natural que contagia e garante que jamais perde a esperança:

“A saúde está em primeiro lugar e acredito que, amanhã, acordaremos mais solidários, menos consumistas e mais protetores do próximo e do planeta.”



Grinood Costa a celebrar um dos seis golos que apontou esta temporada no CD Trofense antes do futebol parar devido à pandemia



INQUÉRITO: OUTROS VÍRUS

O ‘novo corona vírus’ tornou-se no mais preocupante nano monstro deste século. À escala mundial, conquistou primazia mediática. Todavia, o mundo continua a ser perturbado por muitos outros vírus de largo alcance. Escondidos?

Quisemos saber o que pensam sobre isso, várias personalidades ligadas a instituições internacionais sedeadas em Portugal, além do embaixador português na UNESCO.

A todos perguntámos: **Na sua opinião, que outros ‘vírus’ estão a afetar gravemente a humanidade (além da COVID-19)? Porquê?**

As respostas apontam para grandes reflexões sobre o mundo.

António Sampaio da Nóvoa
Embaixador de Portugal na UNESCO

A mentira

“Numa guerra a primeira vítima é a verdade”. O coronavírus acelerou o vírus da mentira. Nas redes antissociais, na comunicação, na política, até na ciência. A mentira traz a violência, a corrupção, a intolerância. Para sobreviver, precisamos de desconfiar de tudo o que vemos, ouvimos e lemos. A pandemia trouxe mais poder à mentira e mais mentira a muitos poderes do mundo. Será que as guerras se ganham com mentiras? Talvez. Mas nunca haverá paz com máscaras e disfarces. A pandemia atinge todos, mas as suas consequências atingem sobretudo os mais frágeis. Relembremos, por isso, o Padre António Vieira: “Sem igualdade e igualdade com todos, não há paz”.

Maria do Céu Guerra
Presidente da Direção do MPPM (Movimento pelo Direitos do Povo Palestino e pela Paz no Médio Oriente)

A Indiferença

O vírus que mais me aflige é a indiferença. A Indiferença mata mais do que o coronavírus. Mata porque deixa morrer. Mata porque não cuida. Mata porque atende com mais entusiasmo ao lucro que morrendo os fracos, morrendo os pobres, morrendo os velhos, os ricos, os fortes podem arrecadar.

Mata mais porque a indiferença alimenta o deixa andar e o deixa andar é assassino num mundo a exigir mudança,

a exigir empenho, a exigir justiça. A indiferença é uma prática e uma teoria que os fascistas aprendiam e ensinavam. A indiferença é cool, é chic, a indiferença fala línguas, mas é criminosa. A indiferença chama gripezinha a uma pandemia que está a matar milhões e que mataria muito menos se não existisse a indiferença.

Francisco Ribeiro Telles
Secretário Executivo da CPLP (comunidade países língua portuguesa)

Preconceito

A pandemia da COVID-19 veio evidenciar outras fragilidades que infetam as nossas sociedades, devendo a resposta global ser baseada na cooperação. A par da ameaça à saúde, confrontamo-nos com a destruição de atividades económicas, geradoras de desemprego, com a insegurança alimentar, com enormes desafios aos sistemas escolares, com limitações à informação, com uma maior vulnerabilidade a outras doenças ou o agravamento de antigas e com o aumento das desigualdades sociais.

Outros combates antivirais devem ser encetados contra os preconceitos, também eles invisíveis numa perspetiva ótica, entre eles, o racial e os fundamentalismos. Devemos, ainda, combater a proliferação de rumores desestabilizadores e a desconfiança relativamente a governos e sistemas de saúde.

As preocupações com estas evidências parasitas da pandemia tornam necessárias medidas direcionadas para enfrentar riscos difusos e assimétricos. Com uma cooperação mais ativa e uma solidariedade mais intensa, temos

de ser capazes de travar as lutas contra todos estes “vírus”, fortalecendo o progresso, o bem-estar e o equilíbrio do nosso planeta.

Álvaro Vasconcelos
Fundador do Fórum Demos

A desumanidade

A humanidade não se confronta apenas com a pandemia do Covid 19, mas também com a banalização do racismo, o vírus da desumanidade, que corrói as democracias.

Nos últimos anos chegaram ao poder nacionalista com um discurso racista em vários países do Mundo da Índia ao Estados Unidos, da Hungria ao Brasil. Esta pandemia racista ameaça a democracia, destrói a convivência em sociedades cada vez mais diversas e é assassina- o discurso de ódio mata.

Portugal não é uma exceção, o racismo é estrutural na sociedade portuguesa, como podemos constatar nas redes sociais e na popularidade das ideias do deputado de extrema-direita que faz do racismo anti-cigano o seu fundo comércio.

Da América, chegam-nos as vozes de uma poderosa revolta anti-racista, a nós de as ouvirmos atentamente. É imperioso desconstruir o mito de um Portugal não racista, que esconde os crimes do colonialismo e da escravatura por trás do nevoeiro de uma gesta civilizacional.

Tudo deve ser feito para garantir a igualdade e os direitos fundamentais de todos que cá vivem, para fazer de fraternidade e da hospitalidade a narrativa de que nos orgulhamos.



FORUM DEMOS



INQUÉRITO: OUTROS VÍRUS



Sampaio da Nóvoa



Maria do Céu Guerra



Francisco Ribeiro Telles



Álvaro Vasconcelos



Ana Paula Laborinho



Pedro Neto



João Antunes

Ana Paula Laborinho

Diretora Executiva da OEI Portugal (Organização de Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura)

As Notícias Falsas

A atual pandemia poderia ser uma boa ocasião para debatermos os vários tipos de vírus que estão a afetar gravemente a nossa vida em sociedade. A COVID-19 permite debater as agressões que estamos a fazer ao meio ambiente e o modo como estamos a abrir uma caixa de Pandora que continuará a provocar graves danos à humanidade. Importa recordar que esta não é a primeira pandemia por transmissão de vírus de animais aos humanos.

Mas outras pandemias são igualmente graves e destacaria o vírus das falsas notícias que, neste mundo globalizado, igualmente circulam e se espalham com rapidez vertiginosa levando a um estado (doentio) em que o imaginário se transforma em real. É uma mistura explosiva que tem como primeiro inimigo o conhecimento (e incluo aqui a ciência). A comunicação social tem aqui um papel essencial (embora saibamos que não é toda igual) diluindo a fronteira entre informação e imaginação. Claro que alguma comunicação social escolhe o lado mais tortuoso da realidade, mas é sempre preferível termos profissionais a tratar a informação a “espalhadores de boatos” de que as redes sociais recolhem grande parte do lixo. Os meios digitais significaram um grande avanço para a humanidade, sobretudo em termos de democratização do acesso ao conhecimento, mas, por isso mesmo, torna-se cada vez mais ingente a literacia digital que inclui boas práticas de utilização e sentido crítico.

Refiro um outro vírus em propagação e que tememos que esta pandemia esteja a reforçar: o preconceito. Voltámos a erguer muros, passámos a olhar o outro como um inimigo (se não faz parte do grupo restrito) e regressámos a um olhar segregador

que nos empurra para estarmos e falarmos com a nossa tribo e restringirmos a nossa sociedade ao pequeno grupo. Será um grande desafio (também para a comunicação social) combater este vírus que dividirá o mundo em pequenas bolas de sabão transparente e até colorido que não se tocam. Umas conseguirão resistir e até voar, outras cairão e outras ainda não chegarão a nascer, condenadas a não-ser. Tudo ao contrário dos Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável que querem “não deixar ninguém para trás”.

Pedro A. Neto

Diretor executivo da Amnistia Internacional (Portugal)

Deixar de pensar

Recebi do desafio de pensar que outros vírus afetam a nossa sociedade, além do que está a causar a pandemia.

Dei por mim feliz ao pensar que no meu trabalho diário, em que tenho de lidar com tantas coisas negativas como abusos e violações de direitos humanos, ainda me custa pensar e identificar coisas más que afetam toda a humanidade.

O primeiro resultado deste exercício é perceber que a esperança e o otimismo são medicamentos com que devemos persistir e que ajudam a combater este outro vírus que identifiquei que é o de deixarmos de fazer aquilo que temos de fazer todos os dias: pensar.

Vivemos num tempo de extremos, em que as forças centrífugas que nos puxam para lá são a gritaria, o discurso de ódio, a discriminação, o racismo, a mentira em forma de notícias. Fenómeno que vai crescendo cada vez mais se as pessoas não se sentirem ouvidas por governos. O espaço mediático está ocupado por estes extremos que são como alunos numa aula: basta um ou dois a fazerem barulho para

estragarem a turma. Importa construir, dialogar, escutar os problemas e falar deles em profundidade e a partir daí construir políticas públicas centradas em Direitos Humanos que permitam a todas as pessoas justiça social, prosperidade e sustentabilidade. É preciso não abdicarmos do pensamento. É essa a força motriz da humanidade.

João Antunes

Médicos Sem Fronteiras

Desigualdades ampliadas

Esta pandemia trouxe sofrimento, medo e morte às populações de todo o mundo, no entanto o seu impacto não é sentido da mesma maneira. Esta crise tem ampliado e aprofundado as desigualdades já existentes a nível mundial e a Médicos Sem Fronteiras (MSF) tem assistindo às terríveis consequências desta pandemia nos projetos que temos atualmente a decorrer em mais de 70 países. (- Porquê?)

Tratar a COVID no Iémen é tratar uma crise dentro de uma crise, onde a pandemia tem agravado ainda mais os problemas já existentes causados pelo conflito armado e pelo colapso do sistema de saúde neste país. No nordeste da Síria, outro país afetado por conflitos armados, apenas três dos 279 centros de saúde pública estão totalmente funcionais.

No entanto, o nosso trabalho nestes e em muitos outros locais está a ser diminuído pelas restrições atuais impostas por governos - limitando a movimentação de equipamentos, funcionários e pacientes – que estão a restringir os cuidados que podemos oferecer. Como consequência destas políticas, as nossas equipas vêem-se frequentemente forçadas a fazer escolhas sobre cuidados que ninguém deveria ter que fazer. Em algumas áreas, temos conseguimos adaptar e inovar a maneira

1.º CICLO – LICENCIATURAS

- > Contabilidade
- > Desenvolvimento de Jogos Digitais
- > Gestão da Manutenção e Segurança Industrial
- > Negócios e Comércio Internacional
- > Tecnologias de Informação, Web e Multimédia

CURSOS TÉCNICOS SUPERIORES PROFISSIONAIS – CTESP

- > Condução de Obra e Reabilitação
- > Contabilidade e Gestão
- > Design e Inovação Industrial
- > Gestão Administrativa de Recursos Humanos
- > Gestão Comercial e Vendas
- > Gestão Industrial
- > Manutenção Industrial
- > Marketing Digital
- > Produção Multimédia e Jogos Digitais
- > Redes e Sistemas Informáticos

- > Tecnologias e Programação de Sistemas de Informação



NOS BASTIDORES DOS MEDIA

Catarina Cunha

“Na luta contra a pandemia, os jornalistas também cuidam dos portugueses”

Redações vazias, dificuldades no teletrabalho, limitações na recolha de informação e contacto com as fontes. Estas são algumas das mudanças sentidas nos órgãos de comunicação social, com a chegada da pandemia covid-19 a Portugal. O coronavírus tornou-se num tremendo desafio para os meios de comunicação. Os jornalistas tiveram que enfrentar as condicionantes de comunicar, nos dias de hoje.

O Porto Canal, não foi exceção. Os jornalistas mais jovens confidenciavam-me que era a primeira vez que viviam um acontecimento tão marcante, a nível profissional. Os mais experientes, refletiam e destacavam a queda da Ponte Hintze Ribeiro, em Castelo de Paiva, como uma situação profissional “inesquecível”, devido à dimensão e proximidade geográfica, mas sem qualquer comparação com esta pandemia.

Durante os três meses de estágio, pude presenciar as transições, na redação de informação da Senhora da Hora, que eram, desde logo, visíveis, no caminho até ao canal. As ruas estavam desertas, não havia trânsito e os lugares de estacionamento estavam vazios a cada canto. Os poucos rostos que ainda encontrava durante o percurso estavam pouco iluminados de felicidade. Não havia ânimo, havia sim, incerteza e desconfiança.

A entrada na estação era mais solitária e sempre com precauções. A redação passou do “caos organizado”, apinhada de gente, consumida pela energia e adrenalina da televisão, a trocar informações e a lutar pelo melhor lugar e computador, para se tornar num local praticamente vazio, onde trabalham apenas metade dos funcionários, separados por metros, em turnos rotativos, evitando, assim, o contacto. Os gritos, entre o rés-do-chão e o primeiro andar, são justificados pelos

metros obrigatórios do distanciamento social e não pelo barulho das conversas de trabalho às cusquices dos jornalistas. As dificuldades de, atualmente, fazer-se televisão e continuar a estar em cima do acontecimento à distância, são colocadas em cima da mesa, pelos testemunhos de duas jornalistas que permanecem na linha da frente a dar informação precisa aos portugueses.

Para Ana Mota, jornalista do Porto Canal, “a informação continua a correr e a ser produzida até com mais intensidade do que antes”. Essa que chega agora, na sua maioria, ao telespectador, a partir de casa, por teletrabalho. Um sistema que acarreta limitações, essencialmente, a nível tecnológico, pois tal como Ana explica, um jornalista televisivo precisa de: “ferramentas de edição de vídeo e de elaboração de texto e isso requer um equipamento com qualidade superior e o que temos em casa pode não ser tão bom”. Além disso, “as entrevistas são feitas preferencialmente por Skype ou por telefone (...) e a nível de gravação de offs, quando trabalho em casa, faço num armário para conseguir isolar o som”.

Para além destas condicionantes, os jornalistas confrontam-se com a dificuldade da velocidade da rede. “Não é semelhante à da empresa, pelo que em grande parte dos dias, a edição de uma reportagem demora o dobro do tempo”, explica Vanda Balieiro, chefe de redação do Porto Canal. O trabalho no terreno, em equipa, foi reduzido, tornando-se mais solitário, e o contacto presencial, com as fontes de informação, substituído pelo trabalho de casa, através da utilização das tecnologias.

Em tempos de crise, o papel dos jornalistas é reforçado e o dever de comunicar aumentado. Para Vanda

Balieiro, os jornalistas têm que ser transmissores de mensagens verdadeiras para exemplificar: “como se usa uma máscara, como se lavam as mãos, como podemos fazer compras no supermercado, se podemos ir ou não ao Hospital, para onde devemos telefonar se tivermos febre, explicar o que vai poder fazer ou não poder fazer durante o Estado de Emergência”. E numa fase em que a procura da informação é incessante torna-se mais importante transmiti-la, de forma correta e fidedigna, para evitar o aumento das fake news e assim o alarme social. Vanda, conta que foram “bombardeados com telefonemas e mensagens de fontes ou desconhecidos” e “o volume de fake news era tão grande que alguns elementos da nossa equipa colocavam em hipótese algumas destas “falsidades” poderem ser verdadeiras”. Foi necessário, tal como é sempre, “ter cabeça fria” para não cair na tentação da desinformação.

Para além destas condicionantes, os jornalistas confrontam-se com a dificuldade da velocidade da rede. “Não é semelhante à da empresa, pelo que em grande parte dos dias, a edição de uma reportagem demora o dobro do tempo”, explica Vanda Balieiro, chefe de redação do Porto Canal. O trabalho no terreno, em equipa, foi reduzido, tornando-se mais solitário, e o contacto presencial, com as fontes de informação, substituído pelo trabalho de casa, através da utilização das tecnologias.

Em época de restrições de saída, dá-se primazia ao consumo de informação online, que se tornou ainda mais importante. E nessa lógica, Ana Mota acrescenta que o uso das plataformas digitais deve ser feito, no futuro: “de forma consciente e rentável para as empresas”. Já a chefe de redação, Vanda Balieiro explica que a: “busca da informação recente fornece ao online um papel preponderante nesta fase de pandemia” e essa levou “à evolução deste “mercado”.

SIC/PORTO: DESAFIOS INESPERADOS

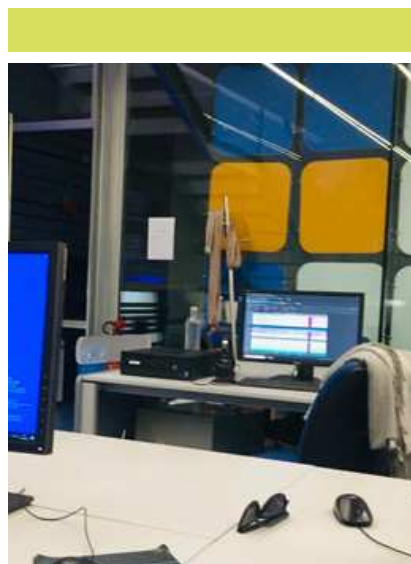
“A covid-19 foi um desafio inesperado, dada à quantidade de informação a transmitir que é mais do que nunca fulcral”- diz ao Ágora Joaquim Ferreira, jornalista da SIC/Porto. A resposta dos jornalistas “exige mais trabalho e coragem para acompanhar os que estão na linha da frente.”

Não é tarefa fácil. “Os jornalistas têm sido obrigados a fazer mais com menos.”. A redação partiu-se em dois. Há profissionais que por pertencerem a grupos de risco não podem sair de casa e de modo estratégico dividiram-se os jornalistas.

Na redação da SIC, utiliza-se um esquema de rotação: metade da equipa trabalha de casa e a outra metade na redação, alterando semanalmente.



Redação de Informação do Porto Canal sem jornalistas espelhando a realidade vivida atualmente





NOS BASTIDORES DOS MEDIA

Leonor Moreira, Sílvia Moura, Ana Cardoso, Élio Duarte, Luís Moreira, Ana Sousa e Márcia Oliveira

CMTV: MUDANÇAS SIGNIFICATIVAS

Ana Monteiro, jornalista da CMTV, afirma que os jornalistas, sempre que saem para o terreno, têm medo de contrair o vírus, o que levou a administração a implementar várias medidas de segurança, como forma de reduzir as probabilidades de infeção.

João Cravo, repórter de imagem da CMTV, esclarece que foram adotadas “medidas gerais de segurança e proteção dos profissionais, como a distribuição de máscaras, luvas e álcool gel”.

Não foram as únicas. Usar a perche no microfone para que estejam assegurados os dois metros durante uma entrevista, bem como cobrir a esponja do microfone com película aderente, para uma mais fácil higienização, passaram a ser novidade.

Há muita diferença entre a redação de antes e a redação de agora. Os cuidados são redobrados. Atualmente, a máscara passou a ser um acessório e o álcool gel necessário.

Os conteúdos também sofreram algumas alterações. Com a covid-19 a dominar todos os noticiários, “muitas outras ocorrências deixaram de existir”, como explica Ana Monteiro.

TSF: SAÍDAS DIFICEIS

Na TSF as mudanças também são significativas. “Os jornalistas têm sido capazes de fazer entrevistas e tratar peças através de casa.”- diz o jornalista Rui Tukayana.

Com a pandemia, há menos pessoas na redação, mas “há uma maior preocupação com o posto de trabalho.” Esclarece: “evitamos usar o material e os estúdios que foram usados por outros colegas e quase não saímos em reportagem.”

Na “Rádio Cidade Hoje”, também surgiram várias modificações.

A diretora, Marta Marques, é clara: “onde habitualmente tínhamos um estúdio cheio de pessoas, com convidados e colaboradores, agora é um vazio (...) e de forma a não perder os ouvintes a rádio optou por criar rubricas para manter o público em sintonia. As notícias da Antena 1 passaram a ser transmitidas na Cidade Hoje.



Ana Monteiro, jornalista CMTV a trabalhar em tempos de pandemia

RECORD E BOLA TV: NOVOS HORIZONTES

“À medida que a pandemia continua a espalhar-se obstinadamente pelo mundo, as notícias são cruciais para manter a sociedade a par do que acontece ao seu redor” – Vítor Pinto, chefe da redação do Record. O trabalho dos jornalistas aumentou com a pandemia. É preciso separar bem a informação verdadeira e a falsa. Tarefa difícil com os excessos de informação nos conteúdos online, nomeadamente, nas redes sociais. O jornalista Vítor Pinto alerta: “agora, mais do que nunca, a credibilidade e o rigor podem ser a diferença entre a vida e a morte de milhares de seres humanos”. Por isso, diz, esta é a altura de “procurarmos mais informação, de investigarmos, de assumirmos a responsabilidade de sermos o contraponto à selva desinformativa das redes sociais”. Este combate à “pandemia de informação” deve servir aos profissionais de comunicação de “farol que o jornalismo deve alcançar e representar no futuro.”

Nas redações, o processo de recolha de informação e de investigação é cada vez mais realizado através de um telefonema, ou videochamada. “O skype faz agora as vezes do repórter de imagem, de sala de reuniões e de redação”, diz-nos Francisco Rodrigues, jornalista de A Bola TV. “A sala de sonorização é agora o quarto ou a sala de estar não havendo contato direto com as fontes”.

O setor do desporto, diz, está a gerar dúvidas devido à importância que tem no setor económico. “A imprensa des-

portiva e empresas de trabalho temporário, todos dependem do futebol se o desporto sofre com a pandemia, a economia também”. Para Vítor Pinto, o desporto “vai continuar com a cabeça a prêmio, sujeita a ser cortada por uma guilhotina sanitária que as autoridades oficiais possam fazer cair sobre as expectativas dos desportistas e respetivas organizações”.

Vítor Pinto tem esperança em mudanças no jornalismo, “sem perder o sentido de investigação e da denúncia. Explica: “o jornalismo é a voz corajosa que nos pode proteger da complacência política que permitiu a eclosão de uma pandemia tão grave para o mundo, que está a custar a vida a centenas de milhares de pessoas”.

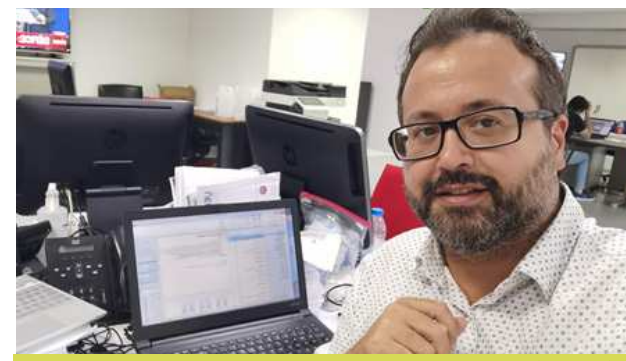
O JOGO: TELETRABALHO PARA TODOS

No jornal “O Jogo”, a pandemia ‘colocou’ todos os jornalistas em teletrabalho. O jornal é enviado diretamente para a empresa de impressão e também para os locais de venda.

Para esbater a quebra de jornais, a direção do jornal decidiu oferecer a subscrição do jornal online para que as pessoas possam ler O Jogo, gratuitamente.

Segundo Rui Guimarães, jornalista da redação do Norte, as entrevistas têm sido uma alternativa a falta de atividades desportivas. “queremos saber como é que estão e vivem os atletas e intervenientes das modalidades nacionais.”

Apesar da alteração das condições de trabalho, os jornalistas estão constantemente em contacto à procura de informação e novidades para escrever. Em teletrabalho, os jornalistas sentem-se mais seguros. “Não queremos forçar o regresso ao jornal, mantemos o nosso trabalho nestas condições e estamos mais seguros”, conclui Rui Guimarães.



Vítor Pinto, jornalista da Record

ISMAI INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DA MAIA
DEPART. DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO www.ismai.pt ANO LETIVO 2020/2021



1.º CICLO - LICENCIATURAS

> **Educação Física e Desporto**
Opções: Ensino da Educação Física; Treino Desportivo; Exercício Físico e Saúde; Atividade Física Adaptada. (Confere grau I de treinador de futebol entre outras modalidades)

> **Gestão do Desporto**

2.º CICLO - MESTRADOS

> **Ciências da Educação Física e Desporto**
- Especialização em Exercício Físico e Saúde

> **Ciências da Educação Física e Desporto**
- Especialização em Treino Desportivo

(Confere Grau II/III de treinador de futebol entre outras modalidades)

> **Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário**

> **Gestão do Desporto**

3.º CICLO - DOUTORAMENTO

> **Ciências do Desporto**
Especialidades: Exercício e Saúde
Rendimento Desportivo



“NÃO SÃO OS MEIOS QUE DEFINEM O JORNALISTA”

Nuno Tavares, Sara Oliveira e Sílvia Rodrigues

“Um lar a céu aberto” – é assim que João Pedro Mendonça, jornalista na RTP, define a Aldeia mais Portuguesa de Portugal, Monsanto, na Beira Baixa. Numa reportagem realizada a solo, tendo como único equipamento técnico o seu telemóvel, faz um retrato sobre o interior de Portugal e relata o modo como a gente daquela terra tem encarado o silêncio das ruelas outrora preenchidas pelos turistas.

Ágora: Como é que surgiu a ideia para a criação desta reportagem?

João Pedro Mendonça: [risos] Da necessidade de sobreviver à loucura do confinamento. Com o desporto parado e a editoria do mesmo entregue à editoria da sociedade, foi abordada a possibilidade de me afastar para conservar a minha utilidade futura, tendo em conta que sou diabético, e por isso, pertencente ao grupo de risco. Ainda assim, estava habituado a estar na notícia. Esta peça nasce dessa necessidade.

Á: A ausência das condições técnicas ideais alguma vez colocaram em causa a execução da reportagem?

JPM: Nesta fase de pandemia existem várias imagens amadoras a surgir na televisão. A partir do momento em que percebi isso, deixou de ser uma questão. O trabalho já era pré condicionado. É como se um youtuber fosse pedir à RTP meios para fazer um vídeo. A ideia é: Quando se assume um risco, tem de ser assumido na totalidade.

Á: Essa mesma ausência de meios nunca o fez duvidar de si mesmo enquanto jornalista?

JPM: Não são os meios que definem o jornalista, muito menos a plataforma. O que define o jornalista, em primeiro lugar, é o estado de espírito e a vocação. Jornalista é-se, não se está. Nós podemos estar editores de desporto, mas não podemos estar jornalista.

Á: Como é que descreve o trabalho a solo?

JPM: Quando falo sobre esta peça costumo dizer que é a peça individual mais coletiva que conheço. Eu recorri de memória aos melhores exemplos da malta com a qual trabalho. Por outro lado, o que também me ajudou muito foi o tempo. O facto de não ter anunciado à estrutura que estava a desenvolver a reportagem, deu-me liberdade para falhar e voltar a tentar, sem pressão.

O PAÍS NÃO É
QUEM VIVE À VOLTA
DO COLOMBO
OU DO GAIA SHOPPING.

Á: Traçou um plano para o desenvolver da reportagem?

JPM: Zero guião, apenas sensibilidade. A história da reportagem é induzida pela própria realidade. Eu assistia a coisas em Monsanto que sentia a necessidade de reportar. Além disso, também o telemóvel é menos intrusivo e coloca as pessoas mais a vontade. O que poderia ser uma dificuldade rapidamente se transforma num desafio, e além disso, numa solução.



João Pedro Mendonça na serra de Monsanto: “o que define o jornalista é o estado de espírito”

Á: Inicialmente, como sentiu que foi recebido pelos aldeões?

JPM: Quando cheguei, pelo facto de vir da cidade, eles mostraram alguma retração. Se pensarmos bem, é normal. Na reportagem, o primeiro serviço a desaparecer foi o da saúde. Parece um contrassenso se pensarmos que Monsanto é uma “aldeia a céu aberto” e que aqui não existiu o cuidado de assegurar a tal assistência tão falada para os lares.

Á: Um dos entrevistados, Roberto, questiona-se sobre a origem do vírus. Sentiu que essa falta de informação sobre esta pandemia era um problema geral na aldeia?

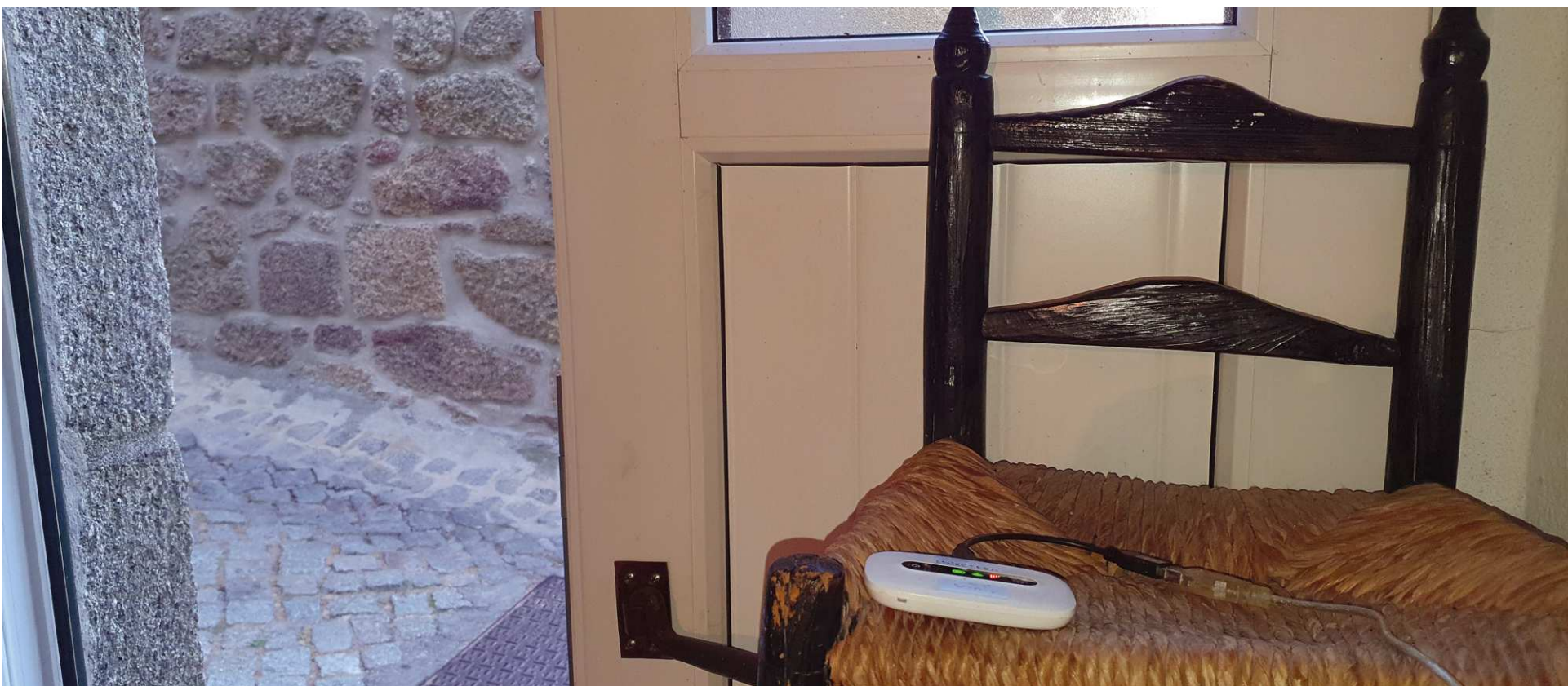
JPM: Da aldeia não, de Portugal. Tenho a certeza de que não faltam Robertos. O país não é quem vive à volta do Colombo ou do Gaia shopping. O motivo pelo qual o Roberto está na reportagem foi porque um dia eu estava à porta do café, vi-o chegar e ele deparou-se com o café fechado. E ficou espantado: ‘Eu vim cá para saber as notícias. O que se anda a passar?’. A “informação” dele era um rumor sobre qualquer coisa [COVID-19] que aí andava.

Á: Qual foi a história dos entrevistados que o marcou mais?

JPM: Não consigo escolher. Eu quis distanciar-me... o papel do jornalista não é emocionar-se. Ainda assim, a parte em que a minha emoção entrou foi na edição da reportagem, quando me confrontei com os brutos e não tinha de os editar. Quando me deparo com figuras públicas, ídolos, eu tenho mais necessidade de editar, do que tive naquele contexto. Isso emocionou-me, olhar para aquilo e pensar “caramba, tanta profundidade”.

Á: Acha difícil fazer com que o público se interesse por histórias que à partida lhes poderiam passar ao lado?

JPM: Nós não somos um país que goste de alimentar a diversidade, o conhecimento. Nós chateamo-nos por pagar pela informação, não temos uma adesão tão grande ao espetáculo. Não estamos treinados a procurar caminhos diferentes. Dito isto a minha reportagem foi o segundo programa mais visto da RTP no dia e o décimo primeiro em Portugal. Portanto correu bem [risos].



A cadeira móvel, engenho especial para a procura de melhor sinal de rede

Á: Um dos entrevistados, Roberto, questiona-se sobre a origem do vírus. Sentiu que essa falta de informação sobre esta pandemia era um problema geral na aldeia?

JPM: Da aldeia não, de Portugal. Tenho a certeza de que não faltam Robertos. O país não é quem vive à volta do Colombo ou do Gaia shopping. O motivo pelo qual o Roberto está na reportagem foi porque um dia eu estava à porta do café, vi-o chegar e ele deparou-se com o café fechado. E ficou espantado: ‘Eu vim cá para saber as notícias. O que se anda a passar?’. A “informação” dele era um rumor sobre qualquer coisa [COVID-19] que aí andava.

Á: Qual foi a história dos entrevistados que o marcou mais?

JPM: Não consigo escolher. Eu quis distanciar-me... o papel do jornalista não é emocionar-se. Ainda assim, a parte em que a minha emoção entrou foi na edição da reportagem, quando me confrontei com os brutos e não tinha de os editar. Quando me deparo com figuras públicas, ídolos, eu tenho mais necessidade de editar, do que tive naquele contexto. Isso emocionou-me, olhar para aquilo e pensar “caramba, tanta profundidade”.

Á: Acha difícil fazer com que o público se interesse por histórias que à partida lhes poderiam passar ao lado?

JPM: Nós não somos um país que goste de alimentar a diversidade, o conhecimento. Nós chateamo-nos por pagar pela informação, não temos uma adesão tão grande ao espetáculo. Não estamos treinados a procurar caminhos diferentes. Dito isto a minha reportagem foi o segundo

programa mais visto da RTP no dia e o décimo primeiro em Portugal. Portanto correu bem [risos].

Á: Gabriel Garcia Márquez diz que “Jornalismo é saber contar histórias”. Este também é o seu lema enquanto profissional?

JPM: Não é o saber, é o querer. Quem decide se sabemos contar bem as histórias ou não é o recetor. Até agora tenho sido muito feliz na forma como as pessoas recebem as histórias que conto. E nesta então foi incrível. Comecei a aperceber-me que houve uma mensagem que passou e obviamente isso é gratificante.

HÁ MUITOS PRECÁRIOS
NO JORNALISMO,
QUE NÃO SE IMPORTAM DE SER
A FORÇA MOTORA DA MUDANÇA.

Á: Enquanto jornalista, esta obrigatoriedade de confinamento, principalmente quando inserido no grupo de risco, molda a maneira como encara e atua na profissão?

JPM: Neste momento sou verdadeiramente condicionado pela minha condição humana, pois sou diabético. E confesso que lido muito mal com isto, porque esta situação coloca-me fora do jogo onde eu quero estar que é o jogo dos factos. Não há nenhuma condição jornalística que me impeça de fazer o que quer que seja.

Á: Um jornalista está sempre preparado para ser multidisciplinar ou isso vem em momentos como este em que é necessário um reinventar dos moldes da profissão?

JPM: O jornalismo é multidisciplinar. Continua a ser e é cada vez mais a fiabilidade da informação e a aposta nos factos, o foco do jornalista. Com todos os recursos que tenha ao seu dispor.

Á: Acredita que o futuro do jornalismo seja constituído por que tipo de características?

JPM: Com a mesma consciência crítica e a mesma necessidade de utilizarem todas as plataformas que estejam disponíveis, porque o que interessa é passar a mensagem. Os jornalistas não devem ser avessos aos processos de mudança, mas sobretudo manterem da velha tradição jornalística o motivo pelo qual o jornalismo existe, a necessidade de sabermos a verdade.

Á: Li uma frase sua que dizia “Ir mais rápido, mais alto, mais forte consegue-se, superando as fronteiras e os limites”. Considera que esta premissa se verificou no trabalho jornalístico que tem vindo a ser desenvolvido nestes últimos tempos?

JPM: Sim, considero. Todos fomos marcados de forma transversal pela incerteza, pelo medo e angústia, mas temos de vencer as nossas limitações.

Há muitos precários no jornalismo, que não se importaram de ser a força motora da mudança. Há muita gente a superar os seus limites e o maior deles é o medo, que é o que temos todos em comum. Medo.



ENTREVISTA

MINISTRO MANUEL HEITOR: “TEMOS DE INVESTIR MAIS EM CONHECIMENTO”

Luiz Humberto Marcos, Miguel Laezza, Nuno Tavares, Sara Oliveira, Sílvia Oliveira

Não basta sermos “um país fortemente inovador”, precisamos de investir mais em conhecimento. Esta é uma das ideias centrais da entrevista que o Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Manuel Heitor, concedeu em exclusivo ao *Ágora*. Falámos de vários temas que interessam a estudantes e empresas. Na abertura, uma noção singular: o vírus do conhecimento.

Ágora – Quais são, para além da pandemia Covid-19, os outros vírus que afetam gravemente a sociedade portuguesa, designadamente no Ensino Superior?

Manuel Heitor – Esta pandemia, como muitas outras, trouxe-nos a sensação, a nível global, de que vivemos numa sociedade de risco. Cada vez mais, temos de aprender a viver e a conviver com o risco. A melhor maneira de o fazer é com mais conhecimento. Por isso, o melhor vírus que espero que esta pandemia tenha induzido, é o vírus do conhecimento. É preciso conhecer mais. Não há nenhuma sociedade, nem nenhuma economia, de risco zero. Nem, muito menos, pode o Estado assumir todo o risco. Portanto, o risco é coletivo e nós temos que aprender a viver com o risco. Isto parece simples de dizer, mas é particularmente complexo. Nós vimos que, numa situação de emergência de risco, houve a imposição do confinamento, muito rápido em todo o mundo e em Portugal. Inédito. As pessoas confinaram-se e sujeitaram-se a uma situação que era impensável e tem sido muito mais difícil a reativação faseada. Muito mais lenta, e muito mais complexa. Mas de facto, mais uma vez são as instituições de Ensino Superior e de Ciência que estão mais bem posicionadas para ensinar os jovens e a sociedade como se vive e convive com o risco. O sars cov 2 foi um vírus, mas teremos outros vírus. Já tivemos, não com esta gravidade. Mas também é com base no conhecimento que comparamos esta pandemia com outras, quer que há 100 anos, quer com mais tempo. Com os dados existentes, percebemos que conseguimos conter muito do impacto do vírus.

Á – O conhecimento pode ser uma ‘vacina’ para nos proteger do vírus?

MH – Por um lado, com mais conhecimento, podemos saber viver melhor e conviver com riscos, mas também, com conhecimento, conseguimos duas coisas: quando se fala em conhecimento, tem de se falar numa escala do tempo e, obviamente, numa escala espacial; mas o que a pandemia mostrou é que nós conseguimos e temos o conhecimento necessário para a enfrentar, num curto espaço de tempo, com alguma prevenção. Com o conhecimento superior fizeram-se testes – testar, testar e testar. Por outro lado, não temos conhecimento, ainda, para fazer uma terapia ou uma vacina, e sabemos que vai, no mínimo, demorar 2 anos a fazer uma vacina. O conhecimento precisa de tempo. Almada Negreiros, no único romance que escreveu,

há mais de 80 anos – “Nomes de guerra” – dizia “a ciência requer um tempo que cada um de nós não dispõe”. Nós conseguimos, com o conhecimento disponível, usá-lo logo, mas temos que dar tempo à ciência para aquele conhecimento que não existe, e é o caso da vacina. Não existe uma vacina, porque não se conhece o desenvolvimento do vírus e é preciso perceber as mutações genéticas todas do vírus. Depois, é preciso testar vacina, e isto demora no mínimo, um ano e meio/dois anos. Por isso, é preciso dar tempo ao conhecimento. Sabemos que antes da vacina, talvez seja possível, e hoje começam a sair as primeiras notícias das primeiras terapias, sobretudo de um medicamento derivado de outro usado para o ébola, o remdesivir, ainda por cima feito com matérias primas e elementos fabricados em Portugal, resultante muito do conhecimento produzido em Portugal, diga-se de passagem, uma terapia, eventualmente até ao Verão. A vacina vai demorar dois anos. Temos de aprender a viver com o risco. O risco é conhecimento.

Á: Tendo em conta exatamente isso, não deveriam as aulas em videoconferência continuar por mais tempo?

MH: Não, não e não. A componente mais importante do sistema de ensino é a interação presencial. É tudo aquilo que se passa num ambiente de uma escola, de uma faculdade, ou de um campus universitário. Portanto, não há um sistema de ensino, de aprendizagem, que não seja com

interação social. Vamos ser muito claros, podemos dizer que há atividades que aparecem e desaparecem. A ideia dos campus universitários nasce sete séculos a.c. nos campos budistas da Índia, e depois foi desenvolvido, sempre com a ideia de trazer pessoas. É uma ideia que tem séculos e que se foi desenvolvendo. Por isso, o ensino à distância substituiu uma pequena parte, mas não é um sistema possível. A nossa atitude ao longo dos séculos foi sempre reunir pessoas, discutir ideias. Por isso, acho que devemos perceber onde é que o ensino à distância pode e deve ser usado, e usá-lo, e até usá-lo mais, mas nunca perder a noção de que sem interação social, entre pessoas, entre estudantes, entre estudantes e mestres, mestres e estudantes, não há sistema de aprendizagem, porque isso é a base da troca de ideias e do conhecer. As pessoas vêm para as instituições universitárias onde se conhecem e isso, antes pelo contrário, é um dos problemas que a crise nos trouxe, devido sobretudo à necessidade de restringir a mobilidade das pessoas a que nos habituamos.

Há um perigo de reduzir uma mobilidade, nomeadamente no contexto europeu, que foi a génese da construção da Europa., sobretudo associada aos programas Erasmus, etc. E isso não pode acontecer. As pessoas vão ter de usar máscaras nos aviões, mas dizer que esquecemos a génese intelectual do ensinar e do aprender e que tudo pode ser feito em casa, com isolamento, é muito perigoso.



Manuel Heitor recebeu o *Ágora* na reitoria da UP, no final de junho



INVESTIMENTO EM I&D
CRESCEU SEIS VEZES
EM 25 ANOS

PORTUGAL: PAÍS FORTEMENTE
INOVADOR

META PARA 2030: 60% DOS JOVENS
NO ENSINO SUPERIOR

RESIDÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS
SEM PROCURA



Á – Prevê estímulos à criação de produtos culturais que valorizem o nosso património e também a I&D?

MH – Está a haver, sempre houve, e tem é de haver mais. Já lançamos, associados à crise, vários programas. Por um lado, o que chamamos de research for covid para perceber o impacto nas várias áreas do conhecimento. Identificámos que, no caso português – temos apenas 25 anos de ciência – havia lacunas, por exemplo, nas ciências da virologia. Então, criamos um programa de doutoramento para a virologia, e naturalmente que se há alguma coisa que nós sabemos no contexto europeu e mundial, é que temos de investir mais em conhecimento. Portanto, tem de haver mais investimento em tudo, mas quem decide os níveis de investimento é a população, de uma forma geral. Para investimento tem de haver criação de riqueza, e por isso nós sabemos, que temos crescido muito. Há 25 anos atrás, quando começou o Ministério da Ciência, Portugal investia 0,4% da sua riqueza em I&D, portanto, em ciência. Hoje, investe cerca de 1,5% (sensivelmente 50% público, 50% privado; há anos atrás era 80% público, 20% privado.) da riqueza gerada. Crescemos muito, mas sabemos que é pouco. Há cerca de 25 anos quando o Ministério da Ciência é criado a fundação para as ciências e tecnologias foi criada com 100 milhões de euros. No último ano, a Fundação para as Ciências e Tecnologias investiu em Portugal 600 milhões de euros. Cresceu 6 vezes em 25 anos. É muito bom, devemos ter orgulho, mas não é suficiente. Devemos continuar a crescer. Quando olhamos para o contexto Europeu, a Europa no seu global, investe 2% de riqueza gerada, portanto, do PIB europeu, em ciência. Está praticamente constante desde 1999/2000. Nos últimos 20 anos, o investimento em ciência em toda a Europa, está constante, e nós sabemos que é pouco. Nós precisamos de investir mais. Neste momento, a Europa tem uma meta para chegar a 2030 com 3% do PIB investido em ciência.

Á – E nós vamos chegar aí?

MH – Nós queremos chegar aí. A nossa estratégia é chegar a 2030 com 3%, sendo 2/3 privado e 1/3 público. Mas este é um processo. Temos sempre de aumentar o investimento no conhecimento em todas as áreas, também na área da produção artística. É um processo. Para investir mais é preciso gerar riqueza. Há outros investimentos. Temos de investir em transportes, na saúde, nas cidades, na biodiversidade, em tudo. Portanto, e o dinheiro é finito, depende daquilo que conseguimos gerar. E esta é que é a questão das políticas públicas: Como é que se gerem todas as prioridades?

Á – Esta pandemia evidenciou várias carências no sistema de ensino. Tem algum plano para combatê-las? Por exemplo em relação às novas residências universitárias e em termos de bolsas para os alunos mais carenciados?

MH – São dois problemas diferentes. O alojamento universitário tem sido uma prioridade, por isso há 2 anos atrás lançamos o plano nacional de alojamento estudantil no âmbito do qual o Estado disponibilizou cerca de 235 edifícios para serem transformados em residências. Porquê? Porque não havia outros recursos públicos para construir residências novas e, portanto, a opção tomada foi sobretudo usar edifícios públicos existentes ou que estavam degradados ou inutilizados para serem transformados de forma a duplicarmos o número de camas em residências, até ao final do mês de Julho.

Neste momento nós temos 15 mil camas, neste ano letivo que está agora a passar, conseguimos aumentar cerca de 600 camas, e daí aumenta, todos os anos, gradualmente, o número de camas, até duplicar. Há muitas coisas, boas e más, na pandemia, quase todas más. Mas a pandemia reduziu bastante a pressão do alojamento local, que era aquilo que estava a dificultar o alojamento dos estudantes. E por isso,

neste momento, prevejo uma atenuação das questões críticas do alojamento. Veja-se aqui no Porto – as residências da Universidade do Porto não estão cheias, têm camas livres. Obviamente, porque há outras questões, devido à política de passes que fizemos para os estudantes, muitos como não pagam o transporte, preferem ir para um alojamento na periferia do Porto, em vez de estar no centro, numa residência que é relativamente antiga. A política de transportes públicos para os estudantes foi particularmente importante para desanuviar a pressão.

Á – E nas bolsas?

MH – Quanto à ação social, hoje financiamos cerca de 72 mil estudantes. Portanto, cerca de 25% dos estudantes têm ação social escolar. Depois, sabemos que há uma distribuição grande. Para 2/3 destes estudantes, a ação social paga as propinas, os outros têm um subsídio adicional. E por isso montamos, durante os tempos de pandemia, um auxílio de emergência para famílias que, de repente, entram em colapso financeiro. Essas podem recorrer ao auxílio de emergência. E estendemos o prazo dos pedidos de submissão até ao final de junho. Devo dizer que os números de pedidos de emergência que apareceram na Direção Geral de Ensino Superior até agora foi muito baixo: em 350 mil estudantes, foram cerca de 50 os pedidos. Portanto, temos um mecanismo de emergência que felizmente foi muito pouco usado. O que me preocupa não são aqueles que estão no ensino superior, são aqueles que não estão. Nós este ano letivo (2019-20), atingimos pela primeira vez – e isso deve nos orgulhar a todos como portugueses, este valor: metade dos jovens com 20 anos estão no ensino superior. Há 5 anos atrás eram 40%. Mas mesmo assim, achamos que não é suficiente e queremos chegar a 2030 com 60% dos jovens no ensino superior: 6 em cada 10.



Á – A média Europeia é mais alta?

MH – Não, a média Europeia é inferior a Portugal. Agora, as zonas mais desenvolvidas da Europa já têm 6 em cada 10 – 60%. A média Europeia, dos 27 países, é de cerca de 42%, e nós estamos com 50%, acima da média nos Jovens. Sabemos que o nosso problema como sociedade não é apenas os jovens, porque nos jovens temos uma penetração relativamente boa, em termos Europeus. O problema é quando olhamos para a população chamada “ativa” – entre 25 e 65 anos. Aí temos só 20% das pessoas com um grau superior. Temos uma penetração relativamente boa nos Jovens, mas depois temos uma população adulta com muitos baixos níveis de formação. E por isso, é tão importante insistir na formação dos jovens, mas também na formação dos adultos, que sabemos que em Portugal é minoritária. Isto depende muito do estímulo dos empregadores. Um adulto que está empregado só vai estudar se o empregador disser para ir estudar. É diferente de um jovem que vai estudar pela primeira vez e, portanto, tem um estímulo para aspirar à sua carreira.

Eu não sei se têm ideia, mas neste momento Portugal tem a população estudantil mais jovem da Europa. A média de idades de um estudante em Portugal é 25 anos. Comparando com a Dinamarca, por exemplo, é 41 anos. A diferença é que nos países ricos do norte da Europa, as pessoas entram mais tarde. De um modo geral, antes do ensino secundário e do ensino superior trabalham um ou dois anos, mas depois estão a vida toda a estudar. Em Portugal não. Nós entramos cedo e saímos cedo. Por isso, a média de um estudante em Portugal é muito jovem – muito porque os adultos não estudam. Por isso é muito importante, para mim, que os adultos estudem. Há uma frase que é um lugar comum, mas que é central: “Porque é que é tão difícil pôr os adultos a estudar?”

Á – O ‘orçamento suplementar’ prevê qualquer reforço para o Ensino Superior. Por que razão continua o ES a ser um ‘parente pobre’ nos investimentos públicos?

MH – Isso é mentira. O Ensino Superior não é “um parente pobre”. O Ensino Superior é um bom parente do investimento público e vê-se no aumento que foi feito nos últimos anos quer no ensino superior, quer na ciência. O orçamento suplementar foi feito para combater questões muito críticas associadas ao desemprego induzido pela pandemia e à situação sanitária. O orçamento suplementar não foi para mudar o orçamento em todas as áreas, foi só para cobrir as emergências decorrentes da pandemia, sobretudo ao nível do desemprego. Ficamos com mais de 100 mil desempregados, ficamos com 800 mil pessoas em lay-off e tivemos de recorrer e reforçar o sistema nacional de saúde com o

orçamento suplementar. Ninguém na universidade viu os orçamentos alterados durante a pandemia. Portanto não tem nada a ver com o “parente rico, ou parente pobre”.

Á – Há algum plano de ‘apelo’ a uma maior intervenção das empresas privadas em I & D.? O Governo está a pensar na criação de estímulos que obriguem as empresas a investirem parte dos seus lucros em projetos de I&D articulados com universidades?

MH – A comissão europeia publicou esta semana o barómetro europeu da inovação onde Portugal aparece pela primeira vez, classificado como um país fortemente inovador e, sobretudo, com uma dinâmica nos últimos quatro anos muito positiva. Há vinte anos, quando este barómetro começou a ser feito, Portugal era dos países menos inovadores e agora é um país mais inovador e, por isso, a evolução de Portugal é muito positiva. Há vinte anos o setor privado contava com pouco mais de 30% de investimento e agora conta com 50%. Notamos que a despesa privada em investigação, sobretudo emprego qualificado, aumentou muito. Se é suficiente, não. Por isso é que estamos a fixar metas e a trabalhar com vários incentivos públicos e privados, mas sobretudo nacionais e comunitários, para aumentar a capacidade das nossas empresas e chegar a 2030 com 3% do PIB investido em Investigação & Desenvolvimento, nas quais dois terços pelas empresas. Mas isto implica termos um setor empresarial com mais capacidade para pôr produtos e sistemas nos mercados globais. Isso implica pessoas. O investimento empresarial em I&D é: emprego qualificado, são pessoas, a ciência são pessoas, e, portanto, temos um percurso a fazer. Temos de trabalhar cada vez mais na capacitação laboral para ter mais riqueza gerada. Num país como o nosso, com a nossa posição geográfica e o nosso historial, é importante inserimos as empresas nas redes europeias, para valorizar o nosso posicionamento atlântico.

Á – Há alguma novidade para breve?

MH – Verão com Ciência. Todas as instituições de ensino superior e científicas podem apresentar novas atividades para a partir de julho. É um verão específico. Sabemos que não existem os empregos de verão sobretudo no setor hoteleiro e deixamos um desafio aos estudantes e às instituições superiores e científicas para organizarem ações de verão. Por isso em julho esperamos ver estudantes a trabalharem em centros de investigações e ações de formação porque é um verão inédito. Neste verão, pela primeira vez, haverá bolsas para os estudantes que estão a trabalhar e sem dúvida será um verão com ciência. ■

O ENSINO REINVENTA-SE COM A “SALA DE AULA INVERTIDA”

Ana Rita Gonçalves, Diogo Resgate, Maria Fonseca, Patrícia Stanton, Sara Filipa Oliveira

Com o surgimento do novo coronavírus em Portugal, foram milhares os alunos e professores que começaram com o ensino à distância. Mudança repentina e drástica que trouxe várias preocupações à comunidade educativa. Mas a missão está a ser cumprida.

Foi em março que as escolas de todo o país fecharam. As aulas presenciais estiveram suspensas até ao final do ano letivo, à exceção dos alunos dos 11.º e 12.º que regressaram com regras rígidas. O recurso a novas metodologias, como é o caso da “sala de aula invertida” ou o novo papel assumido pelos encarregados de educação, destacam-se no processo que tem revigorado a forma de aprendizagem.

Mas o que será que mudou na vida de todas estas pessoas?

José Eugénio Bartolomeu, subdiretor do Agrupamento de Escolas de Albergaria-a-Velha, explica que cada escola adotou o seu método de ensino à distância, de acordo com as orientações do Ministério, e as condições socioeconómicas em que a escola se insere.

Se há escolas que dão aulas por vídeo conferência, noutras, como é o caso deste Agrupamento, o método utilizado é o da sala de aula invertida (inverted classroom), isto é, através da pesquisa, da observação de vídeos e de outros recursos oferecidos pelo professor, os alunos vão pesquisando e levantando questões. O papel do professor é de ‘esclarecedor’. Três vezes por semana, os profissionais estão 20 minutos em horário síncrono com os alunos, em videochamada, e nesse tempo, não só tiram dúvidas como também falam sobre o seu estado emocional.

Nesta escola, todos os alunos têm acesso aos conteúdos que estão a ser lecionados. Contornando alguns obstáculos iniciais, “a escola atribuiu alguns equipamentos fixos, para que alunos institu-

cionalizados pudessem ter contacto connosco”. O Agrupamento contou com o apoio da Câmara Municipal para o empréstimo destes equipamentos.

Mas há também desvantagens. Eugénia Moura, confessa que, anteriormente, já pedia aos alunos para acederem a plataformas digitais para a entrega de trabalhos. “Os alunos têm facilidade em aderir às redes sociais e aos smartphones, mas quando toca a anexar ficheiros e a trabalhar, não é assim tão fácil porque eles não têm esse conhecimento”.

O cumprimento dos programas das respetivas disciplinas também está a ser afetado. Eugénia defende “o autoconhecimento, mas considera essencial a sistematização da matéria por parte do professor”. Reforça a ideia de que tem de haver interdisciplinaridade entre os diversos saberes. Contrária a preocupação com o cumprimento de metas e aposta na utilização de mais recursos interativos, que motivem os alunos a querer saber mais.

Enquanto a escola se debate com alguns problemas, as famílias são confrontadas com novas realidades. Para Eugénia Moura, os pais são agora “cuidadores, professores, explicadores e, na mesma, profissionais a exercer as suas funções em teletrabalho”.

Num momento em que se fala de uma possível segunda vaga da pandemia, começa a ser necessário arranjar mais e melhores soluções para ser viável um ensino à distância cada vez mais pormenorizado e individual, alerta Eugénio Bartolomeu.

Para a professora Eugénia, o regresso dos alunos do 11.º e 12.º anos pode ser visto como um “teste” para os professores e alunos, não só em relação às práticas pedagógicas, mas também às regras de higiene e segurança extremas a que estão sujeitos e que mais tarde serão avaliadas pela DGS.



Em teletrabalho, professores escolhem meios criativos para lecionar

“NÃO EXISTE ENSINO À DISTÂNCIA SEM A UTILIZAÇÃO DE FERRAMENTAS INFORMÁTICAS”

“TEMOS SEGUIDO À RISCA O PLANO TRAÇADO PARA MANTER UM CONTACTO DISTANTE, MAS PRÓXIMO COM OS ALUNOS”



Explicadora - Patrícia Oliveira

Patrícia Ribeiro, professora no Agrupamento de escolas de São Lourenço não justifica as desigualdades atuais com o novo contexto escolar. “Resultam da pobreza de espírito”, afirma. Esta crise marca, segundo Patrícia, o ponto de partida para uma mudança de mentalidades, na forma como se encara o trabalho desempenhado pelos professores: “que se rompa em definitivo com o ensino conservador e tradicional”.

A professora projeta para o futuro uma educação inovadora “com alunos e cidadãos reflexivos, criativos, críticos, empáticos, produtivos e com valores”, rompendo com o processo em que “os programas e os manuais são seguidos meticulosamente”.

“Está nas nossas mãos fazer da educação a arma mais poderosa, para mudar o mundo”

Patrícia Oliveira, tradutora, formadora e explicadora há 11 anos salientou em entrevista, o papel que os profissionais da educação devem desempenhar, juntamente com os alunos, na promoção do ensino, como um dos alicerces para contornar o processo de desumanização.

Conduzir os sonhos de centenas de jovens é

para a explicadora um dos grandes motores da sua vida: “É gratificante olhar para o passado e perceber que, já ajudei um sem fim de alunos, a traçar caminhos de sucesso”. É na aposta profunda da formação e da educação dos jovens que se escreve “a história do futuro”. A tradutora esclareceu: “Está nas nossas mãos fazer da educação a arma mais poderosa, para mudar o mundo”.

O processo de desumanização, segundo Patrícia, deriva do enaltecimento progressivo de valores que em nada se sustentam no ensino: “Começa com a substituição da comunicação presencial, pela comunicação virtual”. E esta “é apenas a ponta do iceberg do problema”. Se “tudo depende da forma como se educam os mais jovens”, acrescenta que “a educação é uma das chaves que encerram o problema”.

Na sua opinião: “Seria necessário voltarmos aos tempos primordiais, para que uma nova Humanidade renascesse”.

“Nunca me senti tão próxima dos meus alunos como agora”

Eunice Nascimento, professora de Filosofia, na Escola Secundária Abel Salazar, reflete sobre o processo de reinvenção do ensino em Portugal.

Para Eunice, o novo sistema de estudo parece ter revolucionado, o papel dos encarregados de educação: “Algo curioso é o facto de os encarregados de educação também quererem fazer parte desta nova forma de ensino. Muitos deles chegam mesmo a intervir nas aulas online dos educandos”.

Com 23 anos de profissão, Eunice Nascimento encara a situação atípica das aulas em sistema EAD com sucesso: “nunca me senti tão próxima dos meus alunos como agora”. Embora reconheça a existência de dificuldades no processo, “a novidade desta situação já se define como uma dificuldade; no entanto, temos que nos adaptar a todas as realidades”.

“Nada é capaz de se assemelhar ao ensino presencial”, afirma. Ainda assim, acredita estar perante um método “repleto de benefícios”. E assegura: “as tecnologias servem de auxílio às nossas necessidades”.

Apesar do futuro incerto, o método de ensino à distância foi aplicado a todo o país. A evolução epidemiológica da pandemia, nos próximos meses, será determinante para o funcionamento do Ensino em Portugal.



Adosinda de Pinho - Professora de Geografia em Albergaria-a-Velha

“NADA SUBSTITUI O QUE SE VIVE NUMA SALA DE AULA”

Adosinda de Pinho, professora de Geografia em Albergaria-a-Velha, é defensora intransigente do ensino presencial. Nesta entrevista, fala da vivência na sala de aula e das exigências tecnológicas.

Ágora – Acha que é possível “transportar” a escola para casa?

Adosinda Pinho – De maneira nenhuma. O ensino presencial é imprescindível! Primeiro, porque nada substitui o que se vive numa sala de aula, quer em termos de transmissão de conhecimentos, quer em termos de afetos. Neste ensino à distância é importantíssimo que os nossos jovens sintam que os professores continuam presentes e disponíveis num período negro que nos afeta a todos.

Á – Neste contexto é possível a transmissão de conhecimentos?

AP – O contexto do ensino/aprendizagem está em mutação. Se há 30 anos o professor era apenas um transmissor de conhecimento para os alunos, atualmente temos de ser mais do que isso. Cabe-nos acima de tudo orientar, organizar, filtrar a busca desse conhecimento pelos próprios alunos.

Á – Receia que as desigualdades sociais se reflitam mais?

AP – Com certeza que sim. A desigualdade social é transportada para uma desigualdade de conhecimento, que mais se acentua neste contexto de ensino à distância.

Á – Acredita que o uso de novas tecnologias para o ensino à distância traz bons resultados?

AP – De momento é a forma mais viável. Qualquer tipo de ensino à distância pressupõe a utilização de ferramentas tecnológicas.

Á – Muitos professores tiveram de reinventar formas de ensino. As tecnologias nesse sentido foram uma limitação ou pelo contrário, algo favorável?

AP – Não existe ensino à distância sem a utilização de ferramentas informáticas. Neste sentido, as tecnologias têm sido favoráveis.

Á – Há alunos que necessitam de um maior apoio. É fácil fazer isso via internet?

AP – Tal como nas aulas presenciais, existem alunos que requerem um maior apoio individualizado, também neste método de ensino o contacto com esses alunos tem de ser intensificado e variado, utilizando plataformas diferenciadas.

Á – Sente que os professores estão a trabalhar muito mais do que numa situação normal?

AP – Sim, estamos, uma vez que temos seguido à risca o plano traçado para manter um contacto distante, mas próximo com os alunos. Isto implica estar quase sempre disponível para lhes esclarecer qualquer dúvida. Logo passamos a ser, desde casa, professores 24h por dia. Esta nova normalidade dos dias inclui centenas de emails trocados e reuniões por videoconferência com colegas.

1.º CICLO - LICENCIATURAS

- > Criminologia
- > Psicologia

2.º CICLO - MESTRADOS

- > Criminologia
Ramos: Justiça Penal; Polícia, Prevenção e Segurança.
- > Psicologia Clínica Forense - intervenção com agressores e vítimas

3.º CICLO - DOUTORAMENTO

- > Psicologia
- Especialidade de Psicologia Clínica

- > Psicologia Clínica e da Saúde
- > Psicologia Escolar e da Educação



“RESPIRO ENFERMAGEM”

Alexandra Silva, Hugo Taveira, Janiina Vaz, João Santos, Laura Loureiro, Maria Carolina Silva e Mariana Raposo

Se por um lado cada indivíduo da área da saúde tem tido uma vida agitada, há também que lembrar que todos eles têm uma família. E por isso mesmo têm de saber conciliar o perigo que correm todos os dias por estarem expostos ao vírus e um final de dia em que chegam a casa.

“Respiro enfermagem”, foi assim que Isabel Silva, de 48 anos, justificou os sacrifícios feitos em prol da profissão. Enfermeira na Unidade de Saúde Familiar de Pedrouços, há 12 anos, exerce a profissão há 27 anos e é mãe de quatro filhos. Desde o início da pandemia em Portugal esteve responsável pelos infetados pela Covid-19 dentro da sua Unidade de Saúde. Explica que as carícias que faziam parte da esfera familiar, passaram a ser reduzidas. Lava e desinfeta as mãos inúmeras vezes ao dia, toma banho antes de entrar em casa, não utiliza maquilhagem, relógio nem aliança. “Completamente descaracterizada de mim” – afirma. Ainda assim, e perante um regresso diário a casa, confessa: “Receio trazer para casa o tão temido Covid-19”.

Outra perspetiva tem Ana Ribas Teixeira, também enfermeira, que optou por se isolar da família. “Depois de vários colegas terem ficados infetados, fui viver para uma segunda habitação; aconteceu no período da Páscoa e, por isso, foi uma situação difícil, especialmente para os meus filhos”. Além da distância familiar, viu a sua carga horária aumentar. Esta situação causou momentos de extremo cansaço, com a

enfermeira a confessar que alguns dos seus colegas tiveram sérias dificuldades em “conciliar as suas vidas familiares com uma forte sobrecarga de trabalho, bem como a exposição a riscos físicos e psicossociais acrescidos”.

Miguel Castro, enfermeiro no Centro Hospitalar Vila Nova de Gaia/Espinho e no INEM, passou a prestar serviço exclusivo ao hospital e os horários sofriam constantes alterações. A hipótese de viver fora de casa, para maior proteção da família, chegou a ser colocada. Contudo, sublinha a necessidade de adaptação para algo que tardará em desaparecer. “Tão cedo a nossa rotina não voltará a ser a mesma”, explica.

PORTUGAL ALÉM-FRONTEIRAS

Fernando Miguel Santos, enfermeiro na Suíça, dá o seu testemunho sobre a realidade com qual convive diariamente. Acompanhou a rápida propagação do vírus e as necessidades impostas: “Os Hospitais Universitários de Genebra e o Hospital de Nyon tiveram de triplicar e duplicar, respetivamente, a capacidade de internamento em Cuidados Intensivos”.

Apesar de trabalhar noutro país, faz questão de acompanhar a situação em Portugal e sente que ambos os países estiveram à altura das expectativas.

Sobre a mesma temática, admite que a partilha de informação entre países e membros de comunidade científica em tempo real é indispensável, principalmente num mundo tão informatizado como o nosso. “Se podemos ter o máximo de informação verificada e validada, em menos tempo, é nosso dever usá-la em prol do outcome dos doentes”, diz o enfermeiro.

‘OBRIGADO’ SABE BEM

Fernando Miguel Santos criou também um canal de YouTube chamado “Pista de Aterragem”, onde publica vídeos informativos e entrevistas temáticas sobre pandemia.

Porque nem tudo pode ser negativo, Maria Machás, estudante de 3º ano em enfermagem na ESEL (Escola Superior de Enfermagem de Lisboa), aproveitou a pandemia para aprender e ajudar, em simultâneo, tendo sido voluntária na Linha de Saúde 24. “Acho que foi uma mais valia para mim e para o meu futuro profissional”, declara. A melhor recompensa era o ‘obrigado’ do outro lado do telefone. “Era satisfatório poder dizer que alguém ficou esclarecido ao falar comigo”.

BOMBA RELÓGIO E PALCO DA SAUDADE

Inês Mota, Mónica Valente, Sílvia Rodrigues

Perante a Covid-19, vários foram os esforços reunidos no sentido de colmatar as necessidades sentidas nos lares. Numa realidade que se fez crítica, rês profissionais partilham a sua rotina no apoio aos idosos. Daniela Araújo, Sílvia Valente e Cátia Ribeiro, caracterizam aquilo que as fez sentir mais impotentes: A tristeza no olhar dos mais velhos.

“Os lares em Portugal são uma autêntica bomba-relógio” – afirma Daniela Araújo, auxiliar no lar Canto d’Encanto. Tal como Sílvia Valente, educadora social do lar São Joaninho, relata uma realidade onde todas as ajudas foram bem-vindas. Daniela Araújo partilha a ajuda prestada por grandes empresas portuguesas como a EDP: “Ofereceram-nos batas cirúrgicas, máscaras, aventais”.

Sílvia Valente, inserida no lar de São Joaninho, em Castro Daire, um dos mais afetados pelo vírus no distrito de Viseu, partilha os ajustes que foram necessários efetuar para a redução da transmissão: “Numa fase inicial, tínhamos quase todos os idosos infetados”. Por isso, o lar foi dividido por alas e andares, direcionadas para idosos infetados, idosos que ainda estariam à espera do teste e aqueles que foram recuperando.

Sem possibilidade de confinamento voluntário ou tele-trabalho, Daniela explica que o medo passou a ser rotineiro: “A minha família estava com muito receio que eu trouxesse o vírus para casa”. Com a responsabilidade de cuidar do outro, as noites passaram a ser um espaço para a dúvida e a inquietação: “Não conseguia dormir porque estava sempre com a sensação de que me tinha esquecido de alguma coisa.” – afirma Sílvia Valente.

As folgas ficaram em suspenso, durante algum tempo, e a única preocupação passou a ser proteger aqueles que faziam do lar a sua casa. Para a educadora social, a necessidade de

substituir a diretora da instituição trouxe consigo uma pressão de 12 horas de trabalho. “Tinha de estar atenta a tudo” – explica.

“A nossa esperança está a voltar” – parece ser comum às duas funcionárias. Com um número reduzido de infetados, no caso do lar de São Joaninho, e sem infetados, para o lar Canto d’Encanto, tempos melhores parecem estar a caminho. Segundo Daniela Araújo, “sairemos todos melhores disto”. Para as entrevistadas, os dias de trabalho passam a ser alimentados da esperança de que a bonança traga de volta a quietude de outrora.

“A UTENTE NÃO RECONHECEU O FILHO”

Cátia Ribeiro, enfermeira num lar da Maia, aborda aquilo que a experiência não a deixa esquecer. Sobre o início da pandemia e com a decisão de cancelamento de visitas aos lares, a 16 de março, o cenário tornou-se cinzento num ambiente que era preenchido por cores garridas: “Muitos dos idosos, geralmente com doenças associadas, chegaram mesmo a pensar que a família já não queria saber, que tinham sido abandonados ou que nós é que éramos os maus.”

As viseiras e as máscaras passaram a ocultar os sorrisos dos cuidadores, e com isso veio a perda do processo de identificação. “Foi muito triste perceber que os idosos estavam, aos poucos, a deixar de nos reconhecer. Muitos deles queriam falar connosco e já não sabiam quem era quem”.

Contudo, a partir de 18 de maio, quando a Direção Geral

de Saúde decidiu que os lares poderiam voltar cautelosamente à normalidade, o encontro entre os idosos e os familiares passaria a ser uma realidade, ainda que condicionada. Segundo Cátia, os visitantes são sujeitos a regras que passam pelo uso de equipamento de proteção. Ainda assim, a regra mais difícil de todas parece ser aquela que obriga a que os abraços sejam sentidos a 1,5 metros de distância.

Sobre os utentes, confirma que não tem sido uma adaptação fácil nem linear. Se para muitos o uso de máscara aquando das visitas é algo facilmente aceite, para outros, as dificuldades em respirar e em aceitar artimanhas que os afastem daqueles cuja saudade chama para perto, parecem constituir um obstáculo.

A enfermeira exemplifica: “Tenho um caso em que a utente não reconheceu o filho”. Foi preciso pedir ao visitante para baixar a máscara e voltar a colocá-la para dar a oportunidade de que o reconhecimento fosse feito. Mas não é caso único. “Tenho um outro caso de um utente, já com dificuldades auditivas, que acreditava que nós é que não deixávamos a filha aproximar-se dele, pedindo, inclusive, para a filha chamar a polícia”, diz Cátia Ribeiro.

O processo de visita “é muito complicado”. As dificuldades auditivas, com a obrigatoriedade de distanciamento, tornam Cátia, mais do que enfermeira, numa tradutora. Cuidar passa a ser também “escutar”.

Ainda assim, clarifica que o mais importante é “que os familiares possam ver os utentes, perceber se eles estão bem e felizes”. Com a ausência do toque, parece que as relações passaram a um outro patamar. Os olhares passam a ser um beijo no rosto e os lares tornam-se o palco da saudade.

CONFINAMENTO NUM PARQUE DE CAMPISMO

Mariana Andrade

Perante a pandemia, vários foram aqueles que viram nos parques de campismo a solução para o confinamento. Delfina Oliveira e Catarina Marques abordaram a liberdade que o campismo lhes deu e o modo como estes locais se tornaram uma alternativa às suas residências.

Liberdade de movimentos e ar ‘puro’ não chegam. Numa fase inicial, e sem a possibilidade de os familiares entrarem nas instalações, por questões legais, a saudade surgiu como sentimento invasor. Para Delfina Oliveira, de 79 anos, o escape eram os fados e o terreno ao qual se dedicava, de ansinho na mão.

Para Catarina Marques a realidade era outra. Jovem estudante juntou um grupo de amigos e com eles enfrentou a pandemia. Com os colegas, fez do parque de campismo o seu lar. “O convívio com os meus colegas tem sido das poucas coisas que me traz alguma sanidade mental”.

Na sua opinião, a vida nestes moldes proporciona uma maior independência e mostra a exploração da sua vertente mais artística. “Ocupo o meu tempo a pintar, a dançar e a meditar”.

A vida no parque ‘protege’ os seus habitantes dos efeitos negativos do constante bombardeamento informativo pelos meios de comunicação. Segundo Catarina Marques, o fluxo informativo tende a criar uma maior confusão de ideias e coloca em causa a veracidade de grande parte das informações. Cansada de notícias sobre a pandemia, Delfina Oliveira desabafa: “É necessário ouvir algo que nos alegre mais”.



Tranquilidade do parque de campismo de Árvore, Vila do Conde

FUGA PARA O ALENTEJO EM AUTOCARAVANA

Rui Jacob

O turismo foi um dos setores mais afetados com a crise da Covid-19. A falta de turistas deixou milhares em lay-off e centenas de investidores viram os seus negócios ficar em suspenso.

Ao segundo mês, dois jovens do setor saem do Porto e rumam ao Alentejo, numa autocaravana.

Luís Faria tem 32 anos, nasceu em Torres Novas, mas aos 17 anos escolhe o Porto para viver: “Vim para o Porto em 2005, não conhecia ninguém, mas a adaptação foi fácil, porque as pessoas são incríveis”. Trabalha num Hotel e a Covid-19 veio colocar em suspenso todo o progresso profissional.

Perante uma realidade marcada pelo lay-off e sem uma data prevista para o regresso ao trabalho, afirma: “É difícil lidar com isto e por isso mesmo decidi sair daqui para fazer turismo”. Não sozinho, mas com o amigo Facundo Astorgano, argentino que conheceu em Bangucoque, em 2017.

Facundo confessa que “sempre quis comprar uma caravana, alugar a casa e viver por aí”. O isolamento social foi o clique. Sem pensar duas vezes, o jovem comprou uma caravana Mercedes de 1983. “O estado dela não era o melhor, mas não havia época mais apropriada para me dedicar à renovação”, diz-nos, invocando o que aprendeu sobre empreendedorismo e renovação de imóveis.

Após um mês em casa, os caminhos de Luís e Facundo voltaram a cruzar-se, novamente com viagens à mistura. Os jovens decidiram que “se é para estarmos isolados, mais vale fazer do isolamento algo que possamos desfrutar”. E fizeram-se à estrada.

Tendo em conta as proibições com o estado de emergência, concluíram que a melhor altura para partir seria após



Do Porto para o Alentejo com “o futuro incerto”

o fim do mesmo. “Sabemos da responsabilidade que pode implicar viajar nesta altura, mas não vemos grande diferença entre estar no Porto ou no Alentejo”, diz Facundo.

Quanto ao futuro, ambos têm perspetivas diferentes. Se

para Luís Faria “o futuro é incerto”, para Facundo é preciso “ponderar alternativas para assegurar os investimentos”.

Com confiança, afirma: “preparei-me para isto; se correr mal, tenho mais opções”.



“PARECE QUE A COVID-19 JÁ NÃO EXISTE”

Ana Carneiro, Ana Mafalda Pereira, Ana Rita Mota, Catarina Pereira, Inês Macedo, Isabel Moreira, Tatiana Martins, Tiago Vaz

Nuno Teixeira é militar da GNR há mais de 10 anos na região do Porto. Membro da brigada de força de intervenção especial, foi chamado a atuar contra o caos provocado pela pandemia.

Passado o estado de emergência, há mudanças no modo de agir. “As abordagens têm que ser feitas de outra forma e a proximidade com as pessoas tem que ser maior, uma vez que também trabalhamos como meio de informação dos cidadãos”.

O dever de segurança pública e a exigência inerente à profissão, continuam a prevalecer: “Estamos numa fase em que as pessoas já são sancionadas, quanto às regras que transgridem”. Por isso mesmo já foi obrigado a intervir em relação a ajuntamentos ilegais: “Tem acontecido muito ter que cancelar ajuntamentos como os das corridas ilegais”.

Completa: “Podem representar um grave perigo para a saúde pública”.

Na sua opinião, o relaxamento está a fomentar “a confiança da população” e a desvalorizar a noção do perigo ao qual a população continua exposta. “Parece que a Covid-19 já não existe” – desabafa Nuno Teixeira.



“AS ABORDAGENS TÊM QUE SER FEITAS DE OUTRA FORMA E A PROXIMIDADE COM AS PESSOAS TEM QUE SER MAIOR, UMA VEZ QUE TAMBÉM TRABALHAMOS COMO MEIO DE INFORMAÇÃO DOS CIDADÃOS”

“ESTAMOS NUMA FASE EM QUE AS PESSOAS JÁ SÃO SANCIONADAS, QUANTO ÀS REGRAS QUE TRANSGRIDEM”

O MUNDO EMPRESARIAL EM RITMOS DIFERENTES

Num espaço outrora palco de rotinas desenfreadas, do ritmo de vida alucinante, e de uma agitação própria do ramo empresarial, floresceu o silêncio e com ele o espaço para a novidade: o trabalho de escritório passou a ser no conforto de um sofá.

Diogo Paranhos, funcionário de um ‘contact center’ conta que “a adaptação para o teletrabalho foi complicada”. Explica: “Foi necessário criar meios para trabalharmos em casa, o que gerou erros e problemas”.

O contacto presencial passou a ser feito de forma virtual, via WhatsApp e Skype. Catarina Silva, também funcionária do ‘contact center’ concorda que com este método “a produtividade se perde um pouco, tendo em conta que existem constantemente situações diferentes e a análise tem que ser feita caso a caso na empresa”. Com o trabalho presencial, havia mais facilidade em consultar os superiores, ou mesmo outros colegas de trabalho, “de modo a ter uma segunda opinião”.

Numa outra perspetiva, Ana Fernandes, bancária, conta a sua experiência: antes do confinamento, o seu cotidiano passava pelo crédito no ramo automóvel, créditos pessoais e de equipamentos; com a pandemia essa realidade mudou. “O banco chegou quase a parar, porque os stands fecharam e muitas empresas deixaram de vender; por consequência, nós deixamos de financiar” – explica.

Ainda no setor financeiro, ouvimos outro bancário. Nuno Macedo, conta que “o trabalho era sempre muito stressante e com muitos clientes ao balcão”. O ambiente frenético deu lugar à tranquilidade. A presença no banco é deixada para os casos mais urgentes. Nuno Macedo tem nova rotina: “Passo os dias a fazer chamadas por telefone e, portanto, todo o trabalho é focado no contacto com os clientes”.

“PANO PARA MANGAS” NO SETOR TÊXTIL

A Covid-19 tem afetado a área têxtil e muitos empresários têm alertado para a nova realidade que os rodeia. Vários reconverteram os seus produtos, passando a produzir máscaras. A

Odlo, multinacional do setor desportivo sediada na Trofa, é um exemplo.

A empresa multinacional nunca parou efetivamente, mas mudou os produtos que fabricava para a produção de máscaras. Foi “uma experiência enriquecedora a todos os níveis”, diz o gestor Júlio Paiva. A empresa apostou no e-commerce durante a pandemia. “Tem sido uma agradável surpresa e a nossa estratégia já ia toda nesse sentido”.

Por isso, conta: “felizmente nunca reduzimos o número de colaboradores nem a produção, porque somos muito pouco dependentes da matéria-prima oriunda da Ásia”. Na sua opinião, este procedimento contraria a ideia de que a indústria europeia não é autossuficiente.

Bem diferente é o panorama das lojas de venda ao público que a Odlo possui em vários países da Europa central. Neste momento, diz Júlio, “é uma incógnita.” E acrescenta: “O medo instalou-se nas pessoas e vai demorar tempo até que tudo normalize”.

Para este setor, que foi visivelmente afetado pela pandemia, não existem muitas certezas. Contudo, Júlio Paiva deixa uma previsão para um futuro próximo: “as empresas do setor sentirão efeitos muito significativos, tendo em conta a paragem total ou parcial das suas atividades.” E apresenta uma “receita”: “teremos de dar tempo ao tempo, mas quem tiver maior capacidade para se reinventar e adaptar será quem terá maior sucesso”.

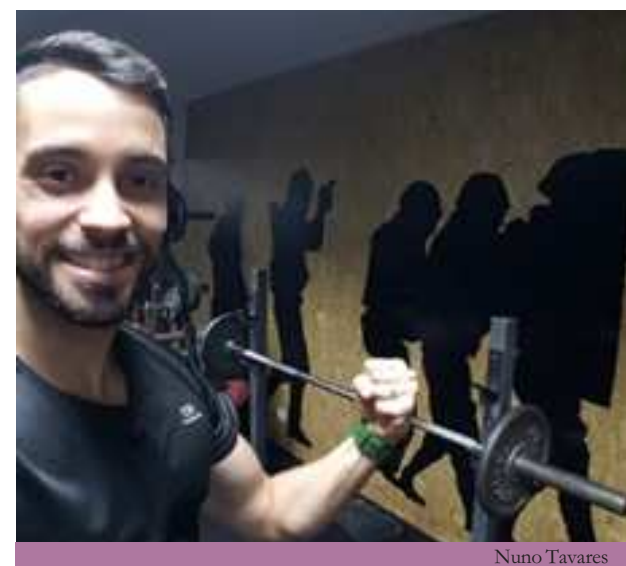
PÓS-CONFINAMENTO E INJUSTIÇAS

Terminado o confinamento, muitos trabalhadores puderam retomar as suas rotinas, com as devidas precauções.

Dos ginásios aos espetáculos, passando pelos restaurantes e cabeleireiros, foram várias as áreas que viram os seus espaços comerciais novamente no ativo. “Em dois meses e meio, aprende-se muito e valoriza-se ainda mais. Foi o momento ideal para reabrir as portas, tanto para a economia como para o trabalhador. Estar em casa é muito stressante, sentes-te impotente”,

refere a gerente da loja do Porto Perfumes e Companhia, Marina Machado.

Apesar de se terem reaberto alguns serviços de comércio e lazer, nem todos puderam beneficiar, de imediato, o regresso à normalidade. Os artistas para além de não poderem voltar aos palcos, queixam-se de receberem misérias. Muitos profissionais



Nuno Tavares

ligados às artes performativas, continuam até hoje sem receber os apoios que lhes são devidos: “Deram lay-off aos trabalhadores, mas não acautelaram o pagamento atempado do mesmo e as compensações pelo rendimento que perderam”.

“DERAM LAY-OFF AOS TRABALHADORES, MAS NÃO ACAUTELARAM AS COMPENSAÇÕES PELO RENDIMENTO QUE PERDERAM”

CRISE E INSEGURANÇA

O colapso da economia nacional é um cenário previsível, como admite Ana Paula, contabilista com mais de 20 anos de carreira e com inúmeras formações na área económico-financeira. “Este tipo de situações gere crises muito difíceis de superar nos vários setores”. Segundo a especialista, crê-se que nem a crise de 2009 supera este “grande colapso que está a assombrar os portugueses no presente ano”.

Em relação ao tempo que será necessário para reverter esta situação, a entrevistada afirma que “demorará meses” e que vai, sobretudo, depender da contínua propagação do vírus e da vacina para o combater. Espera-se que a recuperação venha a ser muito difícil e com vários entraves.

No início da pandemia foram declarados alguns casos positivos de Covid-19 numa empresa francesa de consultoria. Segundo Ana Moreira, funcionária da empresa, todos os colaboradores tinham de continuar a exercer funções. “Foi bastante complicado continuar a trabalhar na firma, tínhamos uma falsa sensação de segurança”, afirma.

A consultora refere que no dia 06 de março todos os colaboradores foram avisados que teriam de continuar a exercer funções, uma vez que a empresa já teria sido desin-

fetada. No entanto, a notícia não foi bem recebida pelos colaboradores: “Todos se apresentaram na empresa, porém recusamo-nos a trabalhar naquelas condições e, nesse momento, a empresa decidiu encerrar”.

“FOI BASTANTE COMPLICADO CONTINUAR A TRABALHAR NA FIRMA, TÍNHAMOS UMA FALSA SENSÇÃO DE SEGURANÇA”

Após cerca de 18 dias em quarentena profilática, a empresa como não conseguiu implementar o teletrabalho, optou por reabrir a 17 de abril. “Foram tomadas as devidas precauções para regressar ao trabalho” – conta. “O número de funcionários foi reduzido para metade, de forma a garantir o distanciamento físico, disponibilizam duas máscaras por dia, assim como um par de luvas e toalhetes” – especifica Ana Moreira.



VIDEOJOGOS CRESCEM COM O MUNDO PARADO

Gonçalo Silva, Nuno Ribeiro e Pedro Moutinho

Quando o mundo está ‘parado’, o gaming continua a crescer. Em confinamento e sem trabalho, grande parte dos portugueses viram nas partilhas de vídeos online, uma oportunidade de rendimento. Vários jogadores falaram ao “Ágora” sobre o tema o tema.

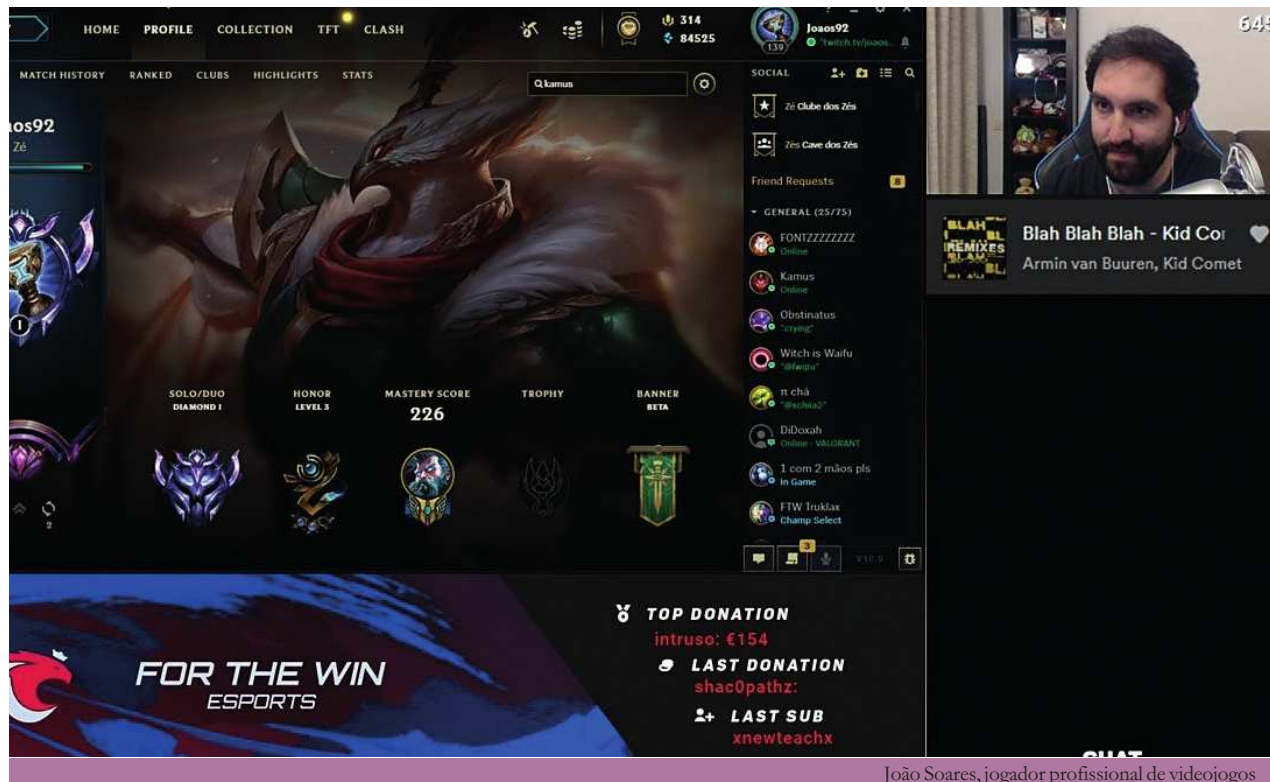
João Soares (“Joãos92”) viu o número de visualizações no seu canal crescer “de forma abismal”, “Kevin Hackali” Daniel, caster da liga portuguesa de League of Legends, é também streamer e concorda com João Soares, na medida em que, desde o início do estado de emergência, o número de visualizações disparou de uma forma abundante. Algo surpreendente no caso deste jogador profissional, pois o mesmo faz streams entre as duas e as cinco da manhã, horário pouco acessível para a maioria das pessoas.

Na mesma linha, o jogador profissional César “Chester” Galão afirma que a indústria dos videojogos anda “totalmente ao contrário de outras indústrias”. Sublinha: “desde que foi obrigatório o confinamento, assistiu-se a um aumento de compra quer em material informático, quer em videojogos, juntamente com o crescimento do interesse neste sector, em termos de procura e da oferta”.

Apesar de manter o seu anonimato, uma responsável dos mercados de lazer, papelaria e videojogos de uma grande cadeia nacional de hipermercados, revela que a venda de videojogos teve um crescimento de vendas superior a 55%, justificando os seus stocks vazios de acessórios e comandos extras.

Os puzzles e jogos de tabuleiro também foram procurados por várias famílias que optaram por comprar estes acessórios para jogar, simultaneamente, com os seus filhos nas consolas de casa, como forma de exercer atividades em família. Várias empresas de videojogos e streaming criaram a campanha #PlayApartTogether, que visou a promoção do distanciamento físico, ao mesmo tempo que combate o isolamento social, através de eventos e promoções de jogos de vídeo.

A participação da Organização Mundial de Saúde nesta campanha merece destaque porque há um ano, a OMS tinha considerado o vício dos videojogos como uma doença mental.



João Soares, jogador profissional de videojogos

A descrição técnica do distúrbio envolve o aumento da prioridade dos videojogos sobre outros interesses e atividades diárias. Se assim não for, a prática dos videojogos apresenta uma forma saudável de se socializar

Com a paragem forçada de quase todos os desportos na maioria dos países, o streaming e os Esports (desportos eletrónicos) ganharam espaço no dia-a-dia das pessoas, através de uma iniciativa da Federação Portuguesa de Futebol, que originou um movimento 100% digital com o nome “#JogaEmCasa”.

Esta iniciativa pretendia não só entreter o público português em casa, mas também evitar a perda do contato com o futebol.

A partir de vários desafios, os participantes tiveram a oportunidade de realizar jogos contra jogadores profissionais com a possibilidade de ganharem uma t-shirt autografada pelos mesmos, habilitando-se também a vencer a Taça da Comunidade. Esta iniciativa podia ser acompanhada no Canal 11 e nos canais da FPF Esports.



DO PALCO AO ECRÃ: A TRANSIÇÃO DA CULTURA PARA O DIGITAL

Maria Jorge e Paulo Barros

Meses depois do período mais crítico da pandemia de Covid-19 em Portugal, que deixou a nu a precariedade de um conjunto vasto de trabalhadores das artes, o setor da Cultura começa a dar os primeiros passos no sentido de retomar uma normalidade laboral que há muito deixou de estar garantida, e que agora acarreta novos desafios. É o caso do Teatro Nacional D. Maria II que, durante os cerca de três meses em que esteve encerrado, considerou “essencial manter um serviço público no domínio teatral, através de uma oferta cultural online, diversificada e totalmente gratuita”, revelam a Presidente do Conselho de Administração Cláudia Belchior e o Diretor Artístico Tiago Rodrigues, em declarações ao Ágora.

Da iniciativa D. Maria II em Casa fazem parte a Sala Online, onde todas as sextas e sábados é possível assistir a um novo espetáculo, a Salinha Online, com conteúdos para os mais novos, o Clube dos Poetas Mortos, em parceria com a Casa Fernando Pessoa, e ainda o espaço de Teresa Coutinho, que todas as terças convida atores e artistas para leituras de poesia e conversas digitais. “O feedback tem sido muito positivo, com grande interação do público nas redes sociais. Em menos de um mês e meio, os vídeos das salas online somavam mais de 60 mil visualizações”, reconhece a instituição.

Apesar dos resultados positivos via digital, Cláudia Belchior e Tiago Rodrigues alertam para a situação dos profissionais do setor. “As instituições culturais e os profissionais das artes, muito em particular do teatro e artes performativas, foram dos primeiros a suspender a sua atividade e, possivelmente, serão dos últimos a conseguir retoma-la completamente”.

Já Sérgio Graciano vai mais longe e aponta o dedo ao Estado pela falta de apoios ao setor. O realizador de cinema e televisão, sem que em 2011 ganhou um Emmy Internacional pela telenovela ‘Laços de Sangue’, explica que “o Estado devia olhar para este setor com algum cuidado, o risco de produtoras falirem e técnicos deixarem de trabalhar, existe”.

Durante a suspensão das filmagens da longa-metragem ‘Salgueiro Maia - O Implicado’, o também responsável por filmes como ‘Perdidos’ ou ‘Assim Assim’ criou o projeto HashtagQuarentena, em parceria com Henrique Dias e Rui Melo. “O objetivo foi entreter, fazer com que os dias passassem mais depressa. Mas sempre com um caráter formativo, no fundo, ajudar a sor-



Teatro Nacional D. Maria II reabre em setembro

rir”, diz. O projeto de ficção junta vários atores e personalidades que, em representação de si mesmos, recriam uma videochamada a dois através de pequenas conversas humorísticas. Rui Unas, José Mata ou Gabriela Barros são alguns dos nomes que participam nos mais de vinte episódios, disponíveis na página de Instagram da iniciativa.

Por todo o mundo, a atividade cultural tem sido sucessivamente cancelada ou adiada e em Portugal o governo de António Costa decretou a proibição de quaisquer festivais e espetáculos de natureza análoga até 30 de setembro. Com a música limitada, artistas como Paulo Furtado, conhecido no meio por The Legendary Tigerman, encontram-se privados da sua arte e trabalho regular. “Neste momento, não faço a mínima ideia quando e se alguma vez poderei voltar a ser músico profissional e de que modo poderei desenvolver a minha carreira no futuro”, diz.

Com vários concertos em território nacional cancelados até setembro, bem como uma tour europeia, o multi-instrumentista admite que o confinamento não foi proveitoso à escrita de novas

canções. Ainda assim, e apesar de não ver no digital um substituto de um concerto, Paulo Furtado procurou a promoção de apresentações em direto nas redes sociais. “O digital veio para ficar mas um concerto será sempre um concerto, será sempre uma troca de energia entre músicos e público, numa sala”, explica. Entretanto, o cantor já começou a ensaiar com os músicos que o irão acompanhar nos concertos e iniciativas que surjam.

Repleto de dúvidas, o setor da Cultura procura uma oportunidade para voltar ao ativo assim que o Coronavírus o permita de forma plena. Mas de que forma o poderão ultrapassar? Para Paulo Furtado, certas profissões “não podem existir em teletrabalho”, pelo que se impõe uma “estratégia de emergência para o setor”. O cantor e compositor defende que “um músico é uma espécie de operário da Cultura e, neste momento, não há como pôr a fábrica a funcionar, e a estratégia é essa”. Sérgio Graciano relembra que o trabalho dos artistas deve ser recompensado e propõe que os portugueses demonstrem a sua solidariedade através do consumo de “produtos nacionais”.

DE ROLLING STONES A BÁRBARA TINOCO: AS CANÇÕES QUE MARCARAM O CONFINAMENTO

Paulo Barros

Bem longe de estar resolvida, a situação de pandemia mundial causada pelo novo coronavírus impingiu-nos uma nova noção de normalidade prioritária, sem que toda uma sociedade tecnologicamente evoluída a pudesse contestar. É neste sentido que vários artistas, fechados em suas casas, aproveitaram o confinamento para darem voz aos temas que são como que um espelho do isolamento que todos experienciamos.

Dos Estados Unidos, um dos epicentros da pandemia, a banda The Rolling Stones transpôs a desertificação das grandes metrópoles para simples “cidades fantasma”, onde o tempo passa sob a forma de

solidão. Também do país de todas as oportunidades nos chega uma premissa por “dias melhores”. Com a participação de dezenas de fãs um pouco por todo o mundo, o videoclipe do tema ‘Better Days’, dos One-Republic, procura ser uma fonte de esperança.

No Brasil, país onde o pico da pandemia só deverá ser alcançado em agosto, o duo ANAVITÓRIA junta a fragilidade assumida com a força de superar o que se nos depara como incerto. O tema “Me conta da tua janela” traz-nos a “saúde” de quem queremos, mas não podemos ver. Do mesmo jeito luso, mas com sotaque nacional, Bárbara Tinoco deixa pelo ar a reflexão de que “parece que o mundo agora são só números,

que alguém se lembrou de contar”. É como se o futuro estivesse em suspenso que o tema ‘Se o Mundo Acabar’ não nos dá respostas, convidando-nos antes a tirarmos as nossas próprias conclusões.

Do velho continente chega-nos ainda o vídeo caseiro e desprezioso de Bono Vox que, na sua página de Instagram, partilhou a canção que havia acabado de compor, em homenagem ao povo italiano. ‘Let Your Love Be Known’ relembra-nos que não nos podemos tocar, mas propõe que seja a música uma das receitas para uma pandemia mais alegre.

Todas estas canções estão disponíveis na plataforma Ágora Digital, em agora.ismai.pt.



Paulo Furtado, músico

CRUZEIRO SEIXAS, SURREALISTA: “ESTOU APRISONADO NO QUARTO”

Luiz Humberto Marcos



O artista, 2019

As cautelas sanitárias assim o impõem. O surrealista português Cruzeiro Seixas (99 anos), que vive num lar de Lisboa, há vários anos, sente-se trancado. “Trazem-me a comida, que põem à entrada do quarto e, pronto, fico fechado”, confidencia-nos. “Estou aprisionado no quarto” - sublinha o pintor e poeta representativo de um movimento que inquietou o mundo das artes e letras há cerca de um século.

Reconhece que a imposição se justifica, mas não deixa de desabafar: “é lamentável isto que está a acontecer.” A sua situação de solteiro agrava o momento: “Não ter família é pior”. Reconhece que “faz muita falta”. E, nesta conversa telefónica, deixa escorrer outro desabafo: “nunca tinha pensado nisso”.

Sempre de cabeça bem fresca e com humor, confessa que “ultimamente a vida tem sido difícil”, tanto mais que até a ‘secretária’, que habitualmente ia ao quarto fazer-lhe a leitura de notícias e outros textos, tem limitada a entrada, por causa da pandemia.

Tudo isto lhe parece um filme.

“É tudo muito esquisito”, confessa. “Vivemos um tempo horrível”.

Por isso, lembra outros tempos: “No meu tempo de jovem tínhamos um Salazar (ditador) e achávamos que era muito esquisito; agora está a natureza a revoltar-se contra nós... É muito esquisito.”

Como se já não tivesse idade para estas conturbações, Cruzeiro Seixas, que em dezembro fará 100 anos, sente-se um surrealista “fora do mundo”. Mas conforta-se com as múltiplas revisitações à sua obra, de que o Centro Português do Surrealismo em Famalicão constitui um forte pilar. Até pouco antes do surto pandémico, março, houve exposições e lançamentos de livros com a sua marca. “Já lhes perdi a conta” – confessa, com a singeleza que o caracteriza.

SEILÁ SE ESTAMOS A CAMINHAR PARA O FUTURO OU PARA O PASSADO

Mas não esquece a reedição da Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica, de Natália Correia, em 2019. Nesta edição reaparecem os desenhos de Cruzeiro Seixas e é mostrada a medida censória do regime de Salazar que ordenou que o livro (1ª edição), então proibido, fosse queimado. Corria junho de 1963.

Do passado para o futuro, com a questão: o futuro ainda lhe interessa? “O futuro interessa apaixonadamente”. Ri-se. E conclui: “Sabemos lá, se estamos a caminhar para o futuro, ou para o passado!”

ISMAI INOVA

JORNALISMO MULTIPLATAFORMA

Mestrado com 18 professores
de 8 universidades de Espanha e Portugal

· Três semestres



Inscrições Abertas
www.ismai.pt

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DA MAIA ISMAI



Cruzeiro Seixas, no seu apartamento, em 2019, mostra a obra sobre Mariana Alcoforado



CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NO ISMAI

Congresso Virtual: Uma "viagem pela comunicação"

Realizou-se em maio e junho o primeiro congresso virtual do ISMAI. Contou com a participação de 70 alunos e foi organizado pela turma de 1.º ano de licenciatura de Ciências da Comunicação. Uma quinzena de painéis emitidos através do Youtube que totalizou mais de 4 mil visualizações. Tirando o máximo partido da vertente tecnológica, também as redes sociais da iniciativa foram palco de performances, conversas e entrevistas a diversos convidados da área da comunicação.



SEMINÁRIOS DE COMUNICAÇÃO 2019-2020 REALIZADOS NO INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DA MAIA



Silêncios do passado e do presente

Curar

*E as pessoas ficaram em casa
E leram livros e ouviram
E descansaram e se exercitaram
E fizeram arte e brincaram
E aprenderam novas maneiras de ser
E pararam
E ouviram fundo
Alguém meditou
Alguém orou
Alguém dançou
Alguém conheceu a sua sombra
E as pessoas começaram a pensar de forma diferente
E curaram-se
E na ausência de pessoas que viviam de maneiras ignorantes,
Perigosas, sem sentido e sem coração,
Até a terra começou a curar-se
E quando o perigo terminou
E as pessoas se encontraram
Lamentaram os mortos
E fizeram novas escolhas
E sonharam com novas visões
E criaram modos de vida
E curaram a Terra completamente
Tal como se tinham curado.*

kathleen O'Meara, 1869

Chove. Há Silêncio

*Chove. Há silêncio, porque a mesma chuva
Não faz ruído senão com sossego.
Chove,. O céu dorme. Quando a alma é viúva
Do que não sabe, o sentimento é cego.
Chove. Meu ser (quem sou) renego....*

*Tão calma é a chuva que se solta no ar
(Nem parece de nuvens) que parece
Que não é chuva. mas um sussurrar, se esquece.
Chove. Nada apetece...*

*Não paira vento, não há céu que eu sinta.
Chove longínqua e indistintamente,
Como um grande desejo que nos mente.
Chove. Nada em mim sente...*

Fernando Pessoa

Sobre o silêncio

*Não é necessário sair de casa.
Permaneça na sua mesa e ouça.
Não apenas ouça, mas espere.
Não apenas espere, mas fique sozinho em silêncio.
Então o mundo se apresentará desmascarado.
Em êxtase, se dobrará sobre os seus pés.*

Franz Kafka

Confissão

*Que esta minha paz e este meu amado silêncio,
Não iludam a ninguém
Não é a paz de uma cidade bombardeada e deserta
Nem tampouco a paz compulsória dos cemitérios
Acho-me relativamente feliz
Porque nada de exterorir me acontece...
Mas,
Em mim, na minha alma,
Pressinto que vou ter um terremoto!*

Mário Quintana

Não se afobe, não

*Não se afobe, não
Que nada é para já
O amor não tem pressa
Ele pode esperar em silêncio
Num fundo de armário
Na posta-restante
Milênios, milênios
No ar.*

**Chico Buarque
Prémio Camões 2019**

O Silêncio

*Ouve, meu filho, o silêncio.
É um silêncio ondulado,
Um silêncio
Onde deslizam vales e cos
E que verga as testas
Para o solo.*

Gabriel Garcia Lorca

No silêncio dos olhos

*Em que língua se diz, em que nação,
Em que outra humanidade se aprendeu
A palavra que ordene a confusão
Que neste remoinho se tecem?
Que murmúrio de vento, que dourados
Cantos de ave pousada em altos ramos
Dirão, em som, as coisas que, calados,
No silêncio dos olhos confessamos?*

**José Saramago
Prémio Nobel da Literatura,1998**



(páginas 6 e 7)

OUTROS VÍRUS:

A mentira
A desumanidade
As notícias falsas
A indiferença
As Desigualdades
Deixar de pensar
O Preconceito

